FUNESTO DESTINO

FICÇÃO GÓTICA DE AMOR, MORTE E SOBRENATURAL

ORG. A. S. RIBEIRO, A. J. PONTELLO,
E. E. G. DE CARVALHO,
I. S. M. MAIA, L. B. SOUTO

ASA DA PALAVRA

Funesto destino

Ficção gótica de amor, morte e sobrenatural

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento – CRB 8/8343

F963

Funesto destino: ficção gótica de amor, morte e sobrenatural / Álvares de Azevedo [et al]; Organização Alice Siqueira Ribeiro [et al]; Tradução Iânes Sthefany Marques Maia, Letícia Bergamini Souto. – Campinas, SP: Asa da Palavra – Unicamp / Publicações IEL, 2022.
152 p.

ISBN 978-65-87407-22-7
E-book no formato PDF

1. Ficção gótica (Gênero literário). 2. Contos de terror. 3. Antologias I. Azevedo, Álvares de, 1831-1852. II. Ribeiro, Alice Siqueira, 2003-. III. Maia, Iânes Sthefany Marques, 2003-. IV. Souto, Letícia Bergamini, 1996-. V. Título.

CDD: 808.838729

Copyright © 2022 by Asa da Palavra

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19 fev. 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Conselho editorial
Daniela Birman; Érica Lima; Jacqueline Peixoto Barbosa;
Jefferson Cano; Lúcia Granja; Marcos Siscar;
Mário Frungillo; Viviane Veras.

Direitos reservados à
Asa da Palavra
Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571
Campinas – SP – Brasil – CEP 13083-859
https://publicacoes.iel.unicamp.br/asa-da-palavra/
E-mail: asadapalavraeditora@gmail.com
Instagram: @asadapalavraeditora
Twitter: @asadapalavra_
Facebook: /asadapalavraeditora

Álvares de Azevedo
Bernardo Guimarães
Edgar Allan Poe
Júlia Lopes de Almeida
Mary Shelley

Funesto destino

Ficção gótica de amor, morte e sobrenatural

Org. A. S. Ribeiro, A. J. Pontello,
E. E. G. de Carvalho, I. S. M. Maia e L. B. Souto

ASA DA PALAVRA

SUMÁRIO

Introdução 07

Noite na taverna, de Álvarez de Azevedo 17

O corvo, de Edgar Allan Poe 37

A casa dos mortos, de Júlia Lopes de Almeida 49

O mortal imortal, de Mary Shelley 59

A dança dos ossos, de Bernardo Guimarães 91

Os porcos, de Júlia Lopes de Almeida 127

Referências bibliográficas 143

Introdução

Escolher obras não é uma tarefa fácil. É como vagar pelo Louvre e ter de selecionar apenas duas ou três peças para serem vistas, abdicando-se de todas as outras. É uma missão impossível. Como justificar que a *Mona Lisa* deve ser vista enquanto *A liberdade guiando o povo* não? Mérito e qualidade da obra, conceitos por vezes abstratos e com certo grau de subjetividade, são somente capazes de nos levar até certo ponto. Depois, surgem dilemas insolucionáveis. Isto ou aquilo? Surrealismo ou Romantismo? Dalí ou Turner? Manet ou Monet? Perguntas com respostas individuais, muitas vezes contraditórias e igualmente válidas.

Sem uma lei universal que possa guiar-nos, voltamos à estaca zero, incapazes de escolher uma obra sequer ou, então, selecionando mais obras do que poderíamos. Não havendo tal

lei, a única certeza que temos é a de que o ato de escolha não pode ser automatizado ou impessoalizado — até os algoritmos, que são aparentemente independentes, foram criados com justificativas e preceitos programados por alguém. Consequentemente, é lógico definir que a escolha e a justificativa sempre serão decorrentes, em algum nível, das preferências e vieses de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos; no caso de antologias, dos editores. Isso, porém, não significa que é impossível criar diretrizes que objetivem essas escolhas.

Por exemplo, se a ideia é criar uma exposição de pinturas que tenham a bandeira francesa, é perfeitamente justificável que *A liberdade guiando o povo* participe, e a Mona Lisa não, correto? A escolha torna-se, assim, mais facilmente explicável, categorizável e universalizável. Ninguém entra em uma exposição de pinturas que tenha a bandeira francesa esperando ver a bandeira italiana (embora ela também possa estar lá). Ninguém pega uma coletânea de contos sobre robôs e devolve o livro por ele conter robôs. Enfim, você entende a ideia.

Esta antologia foi imaginada e executada com o objetivo de compilar obras góticas do século XIX e início do XX, selecionando e categorizando histórias clássicas excepcionais sobre o recorte temático: amor, morte e

sobrenatural. É isso que você, leitor, pode esperar aqui. Nada menos, algumas coisas a mais. Nem todas as histórias apresentam, necessariamente, os três temas em conjunto, nem nessa ordem, mas, em geral, foram esses os parâmetros que utilizamos para separar os grãos de ficção presentes aqui de todos os outros. Foi assim que escolhemos *A liberdade guiando o povo* e não a *Mona Lisa*.

O gótico é ressaltado por se tratar de um gênero que vai além do estético, transmitindo pensamentos políticos, individualidades, insatisfações, críticas, entre tantos outros temas que ultrapassam as sensações de medo e de desconforto do enredo, levando esses sentimentos para um outro lugar: a realidade exterior à ficção.

As origens do gótico remontam à época da queda do Império Romano (476 a.C.). Esse era o adjetivo utilizado para se referir a uma das várias tribos germânicas: os godos. Por se tratar de um grupo muito heterogêneo e que não deixou produções artísticas escritas, muitos mitos foram inventados sobre a sua história ao longo dos séculos. O significado da palavra "gótico" passou por diversas modificações. No Renascimento, por exemplo, designava tudo o que se referia à Idade Média e à queda do Império Romano; daí seu caráter obscuro e pejorativo.

No século XVIII, o termo sofre mais uma mudança em seu significado, levantando questões políticas e estéticas. O imaginário de um outro mito sobre os góticos consolida-se, dessa vez de uma maneira positiva: as tribos germânicas (assim generalizadas) passam a ser símbolo de um passado idealizado, corajoso e lutador. É nesse século, em 1762, que surge o gênero do romance gótico, com o livro *O castelo de Otranto*, do inglês Horace Walpole.

A obra abre as portas não somente para o gótico, mas para todos os temas que o constitui, como o horror, a morte e o sobrenatural. No momento de um mundo em efervescência tecnológica e científica, o ser humano vê-se diante de dilemas que põem em xeque a sua existência. Logo, o gótico deixa de ser simplesmente um estilo literário para se estabelecer como uma representação da realidade.

Inspirados pelo modelo da série de animação *Love, Death & Robots*, decidimos selecionar três dos principais temas presentes na literatura gótica do século XIX (e começo do XX), propiciando a criação de uma antologia consistente em ambientação e tom e, ao mesmo tempo, diversa em conteúdo e variedade de narrativas. O estilo serve como conexão entre as histórias e estimula investigações sobre a condição da natureza e da existência humana,

atravessada por temas que podem enquadrá-las também como terror.

Selecionados individualmente, mas com aval geral, os seis textos presentes aqui são narrativas escritas no século XIX e início do XX, logo, em domínio público, que refletem de maneira ímpar sobre ao menos um dos três fios condutores da antologia. Buscamos, principalmente, selecionar histórias bastantes diferentes entre si — de autores e autoras de origens e de períodos diferentes. Também escolhemos a ordem de apresentação das obras. Ela foi feita de maneira que você possa experienciar diferentes tipos de escrita à medida que avança no livro, caso queira realizar sua leitura linearmente, do início ao fim. Visto a maneira pela qual foram selecionados, antes de cada texto, foi inserida uma nota dos editores, apresentando brevemente o contexto do autor ou da autora e uma pequena justificativa sobre sua inclusão na antologia. Dessa forma, esse paratexto busca dar informações acerca da história na qual está prestes a ser imerso — o que, de certa maneira, dispensa a inserção de notas de rodapé —, deixando-o livre para adentrar a narrativa como bem o agradar.

Ademais, é importante ressaltar que esta é uma antologia cujas obras podem conter um teor razoável de violência implícita ou explícita, assim como apresentar situações pesadas e

desconfortáveis. Nada fora do padrão para adeptos do terror, mas é sempre bom avisar. Siga com discrição, caro leitor.

Desejamos que aproveite a leitura ao máximo. Ver estes textos reunidos aqui é uma grande alegria para nós, e esperamos que goste deles tanto quanto gostamos. A apenas uma página de distância, existe um universo de histórias aterrorizantes à espreita. O que acha de dar uma olhada?

Tudo o que precisa fazer é virar a página.

Noite na taverna

(excerto)

Álvares de Azevedo

Introdução

Aqui está Manoel Antônio Álvares de Azevedo, nosso "Maneco", o rei das poesias do século XIX… Mas não é de poesia que vamos falar aqui. Além de poeta da segunda geração romântica, Azevedo também foi um grande contista, dramaturgo, ensaísta e expoente da literatura gótica brasileira. Mesmo falecendo em 1852, com apenas 20 anos, esse paulista teve suas produções literárias aclamadas pelo universo acadêmico, pela crítica e, é claro, por cada um de seus leitores. Dentre seus títulos mais famosos estão: *Lira dos vinte anos* (1852), *Macário* (1855) e *Noite na taverna* (1855).

Apesar de não ter sido tão contemplado pelo prestígio acadêmico como *Lira dos vinte anos* ou *Macário*, *Noite na taverna* é um famoso

título do autor, sendo uma interessante porta de entrada para o leitor que deseja conhecê-lo. É importante ressaltar que os títulos em prosa do autor representam uma minoria e que, em geral, fazem parte de uma parcela menosprezada pela crítica, uma vez que o julgamento quase unânime até meados dos anos de 1950 era de se tratar de um material inferior à sua poesia. Dessa forma, a prosa valorizada aqui foi malvista pela crítica por quase cem anos, por conta de seu teor considerado imoral e, hoje, o leitor disposto a isentar-se de moralismos tão farisaicos, deve lê-la e prestigiá-la por seu valor histórico.

Noite na taverna nada mais é que uma antologia completa, com histórias narradas por diferentes personagens que dão nome a cada conto. Em *Funesto destino*, escolhemos o fragmento inicial dessa antologia, com a história contada pela personagem Solfieri. O leitor pode perceber, na passagem selecionada, o início do terror para os leitores de dois séculos atrás, uma atmosfera que surgia de maneira insólita no Brasil, incorporando uma constelação de temas e modos narrativos que remetem ao gótico que florescia em terras inglesas no século XVIII. Assim, trazemos uma pequena prova dessa antologia para que você possa deliciar-se com uma pitada do universo interior desse querido autor, que cisma em falar de morte.

Noite na taverna (excerto)

How now Horatio? You tremble and look pale.
Is not this something more than phantasy?
What think you of it?

Hamlet, ato I.

***

I Uma noite do século

Bebamos! nem um canto de saudade!
Morrem na embriaguez da vida as dores!
Que importam sonhos, ilusões desfeitas?
Fenecem como as flores!

José Bonifácio

— Silêncio, moços! acabai com essas cantilenas horríveis! Não vedes que as mulheres dormem ébrias, macilentas como defuntos? Não sentis que o sono da embriaguez pesa negro naquelas pálpebras onde a beleza sigilou os olhares da volúpia?

— Cala-te, Johann! enquanto as mulheres dormem e Arnold — o loiro — cambaleia e adormece murmurando as canções de orgia de Tieck, que música mais bela que o alarido da saturnal? Quando as nuvens correm negras no céu como um bando de corvos errantes, e a lua desmaia como a luz de uma lâmpada sobre a alvura de uma beleza que dorme, que melhor noite que a passada ao reflexo das taças?

— És um louco, Bertram! não é a lua que lá vai macilenta: é o relâmpago que passa e ri de escárnio as agonias do povo que morre, aos soluços que seguem as mortualhas do cólera!

— O cólera! e que importa? Não há por ora vida bastante nas veias do homem? não borbulha a febre ainda às ondas do vinho? não reluz em todo o seu fogo a lâmpada da vida na lanterna do crânio?

— Vinho! vinho! Não vês que as taças estão vazias e bebemos o vácuo, como um sonâmbulo?

— É o Fichtismo na embriaguez! Espiritualista, bebe a imaterialidade da embriaguez!

— Oh! vazio! meu copo está vazio! Olá, taverneira, não vês que as garrafas estão

esgotadas? Não sabes, desgraçada, que os lábios da garrafa são como os da mulher: só valem beijos enquanto o fogo do vinho ou o fogo do amor os borrifa de lava?

— O vinho acabou-se nos copos, Bertram, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos! Após os vapores do vinho os vapores da fumaça! Senhores, em nome de todas as nossas reminiscências, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! A taverneira aí nos trouxe mais vinho: uma saúde! O fumo é a imagem do idealismo, é o transunto de tudo quanto há mais vaporoso naquele espiritualismo que nos fala da imortalidade da alma! e pois, ao fumo das Antilhas, à imortalidade da alma!

— Bravo! bravo!

Um *urrah!* tríplice respondeu ao moço meio ébrio.

Um conviva se ergueu entre a vozeria: contrastavam-lhe com as faces de moço as rugas da fronte e a roxidão dos lábios convulsos. Por entre os cabelos prateava-se-lhe o reflexo das luzes do festim. Falou:

— Calai-vos, malditos! a imortalidade da alma! pobres doidos! e porque a alma é bela, porque não concebeis que esse ideal possa tornar-se em lodo e podridão, como as faces belas da virgem morta, não podeis crer que ele morra? Doidos! nunca velada levastes porventura uma

noite à cabeceira de um cadáver? E então não duvidastes que ele não era morto, que aquele peito e aquela fronte iam palpitar de novo, aquelas pálpebras iam abrir-se, que era apenas o ópio do sono que emudecia aquele homem? Imortalidade da alma! e por que também não sonhar a das flores, a das brisas, a dos perfumes? Oh! não mil vezes! a alma não é, como a lua, sempre moça, nua e bela em sua virgindade eterna! a vida não é mais que a reunião ao acaso das moléculas atraídas: o que era um corpo de mulher vai porventura transformar-se num cipreste ou numa nuvem de miasmas; o que era um corpo do verme vai alvejar-se no cálice da flor ou na fronte da criança mais loura e bela. Como Schiller o disse, o átomo da inteligência de Platão foi talvez para o coração de um ser impuro. Por isso eu vo-lo direi: se entendeis a imortalidade pela metempsicose, bem! talvez eu creia um pouco: — pelo Platonismo, não!

— Solfieri! és um insensato! o materialismo é árido como o deserto, e escuro como um túmulo! A nós frontes queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabelos, essas crianças frias! A nós os sonhos do espiritualismo!

— Archibald! deveras, que é um sonho tudo isso! No outro tempo o sonho da minha cabeceira era o espírito puro ajoelhado no seu manto argênteo, num oceano de aromas e luzes!

Ilusões! a realidade é a febre do libertino, a taça na mão, a lascívia nos lábios e a mulher seminua trêmula e palpitante sobre os joelhos.

— Blasfêmia! e não crês em mais nada? teu ceticismo derrubou todas as estátuas do teu templo, mesmo a de Deus?

— Deus! crer em Deus! sim, como o grito íntimo o revela nas horas frias do medo — nas horas em que se tirita de susto e que a morte parece roçar úmida por nós! Na jangada do náufrago, no cadafalso, no deserto — sempre banhado do suor frio do terror é que vem a crença em Deus! — Crer nele como a utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem! Mas, se entendeis por ele os ídolos que os homens ergueram banhados de sangue, e o fanatismo beija em sua inanimação de mármore de há cinco mil anos! não creio nele!

— E os livros santos?

— Miséria! quando me vierdes falar em poesia eu vos direi: aí há folhas inspiradas pela natureza ardente daquela terra como nem Homero as sonhou — como a humanidade inteira ajoelhada sobre os túmulos do passado mais nunca lembrará! Mas, quando me falarem em verdades religiosas, em visões santas, nos desvarios daquele povo estúpido, eu vos direi — miséria! miséria! três vezes miséria! Tudo aquilo é falso — mentiram como as miragens do deserto!

— Estás ébrio, Johann! O ateísmo e a insânia como o idealismo místico de Schelling, o panteísmo de Spinoza o judeu, e o crente de Malebranche nos seus sonhos da visão em Deus. A verdadeira filosofia é o epicurismo. Hume bem o disse: o fim do homem é o prazer. Daí vede que é o elemento sensível quem domina. E pois ergamo-nos, nós que amanhecemos nas noites desbotadas de estudo insano, e vimos que a ciência é falsa e esquiva, que ela mente e embriaga como um beijo de mulher.

— Bem! muito bem! é um *toast* de respeito!

— Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta digam-no: Ao Deus Pan da natureza, aquele que a antiguidade chamou Baco o filho das coxas de um Deus e do amor de uma mulher, e que nós chamamos melhor pelo seu nome — o vinho.

— Ao vinho! ao vinho!

Os copos caíram vazios na mesa.

— Agora ouvi-me, senhores! entre uma saúde e uma baforada de fumaça, quando as cabeças queimam e os cotovelos se estendem na toalha molhada de vinho, como os braços do carniceiro no cepo gotejante, o que nos cabe é uma história sanguinolenta, um daqueles contos fantásticos — como Hoffmann os delirava ao clarão dourado do Johannisberg!

— Uma história medonha, não, Archibald? — falou um moço pálido que a esse reclamo erguera

a cabeça amarelenta. Pois bem, dir-vos-ei uma história. Mas quanto a essa, podeis tremer a gosto, podeis suar a frio da fronte grossas bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado.

— Solfieri! Solfieri! aí vens com teus sonhos!

— Conta!

Solfieri falou: os mais fizeram silêncio.

II Solfieri

Yet one kiss on your pale clay
And those lips once so warm — my heart!
[my heart!

Cain Byron

Sabeis-lo. Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme a gosto a amásia, no leito da vendida se pendura o Crucifixo lívido. É um requintar de gozo blasfemo que mescla o sacrilégio à convulsão do amor, o beijo lascivo à embriaguez da crença!

Era em Roma. Uma noite a lua ia bela como vai ela no verão por aquele céu morno, o fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bela. — Eu passeava a sós pela ponte de... As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se faziam ermas, e a lua de sonolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. — A

face daquela mulher era como a de uma estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas.

Eu me encostei à aresta de um palácio. — A visão desapareceu no escuro da janela, e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento à noite nos cemitérios cantando a nênia das flores murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu ninguém — saiu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu, e a chuva caía às gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão.

Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim ela parou: estávamos num campo.

Aqui — ali — além eram cruzes que se erguiam de entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo a criatura pálida não fora uma ilusão — as urzes, as cicutas do campo santo estavam quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquele sono dormido à chuva, causaram-me uma febre. No meu delírio passava e repassava aquela brancura de mulher, gemiam aqueles soluços, e todo aquele devaneio se perdia num canto suavíssimo…

Um ano depois voltei a Roma. Nos beijos das mulheres nada me saciava; no sono da saciedade me vinha aquela visão...

Uma noite, e após uma orgia, eu deixara dormida no leito dela a condessa Bárbara. Dei um último olhar àquela forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. — Saí. — Não sei se a noite era límpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: nos lábios daquela criatura eu bebera até a última gota o vinho do deleite...

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... era uma defunta; e aqueles traços todos me lembraram uma ideia perdida... — Era o anjo do cemitério? — Cerrei as portas da igreja, que, ignoro por quê, eu achara abertas.

Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...

Sabeis a história de Maria Stuart degolada e o algoz, "do cadáver sem cabeça e o homem sem coração" como a conta Brantôme? — Foi uma ideia singular a que eu tive. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim: rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capela como o noivo as despe à noiva. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros dava-lhe aquela palidez de âmbar que lustra os mármores antigos. O gozo foi fervoroso — cevei em perdição aquela vigília. A madrugada passava já frouxa nas janelas. Àquele calor de meu peito, à febre de meus lábios, à convulsão de meu amor, a donzela pálida parecia reanimar-se. Súbito abriu os olhos empanados. — Luz sombria alumiou-os como a de uma estrela entre névoa — apertou-me em seus braços — um suspiro ondeou-lhe nos beiços azulados... Não era já a morte — era um desmaio. No aperto daquele abraço havia contudo alguma coisa de horrível. O leito de lájea onde eu passara uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me daquele aperto do peito dela... Nesse instante ela acordou…

Nunca ouvistes falar da catalepsia? E um pesadelo horrível aquele que gira ao acordado que emparedam num sepulcro; sonho gelado em que se sentem os membros tolhidos, e as faces

banhadas de lágrimas alheias sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar desmaiara. Embucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu sudário como uma criança. Ao aproximar-me da porta topei num corpo: abaixei-me; olhei: era algum coveiro do cemitério da igreja que aí dormira de ébrio, esquecido de fechar a porta...

Saí. — Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

— Que levas aí?

A noite era muito alta — talvez me cressem um ladrão.

— É minha mulher que vai desmaiada...

— Uma mulher! Mas essa roupa branca e longa? Serás acaso roubador de cadáveres? — Um guarda aproximou-se. Tocou-lhe a fronte — era fria.

— É uma defunta...

Cheguei meus lábios aos dela. Senti um bafejo morno. — Era a vida ainda.

— Vede, disse eu.

O guarda chegou-lhe os lábios: os beiços ásperos roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo... o punhal já estava nu em minhas mãos frias...

— Boa noite, moço: podes seguir, disse ele.

Caminhei. — Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo — e eu sentia que a moça ia

despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem-me, corri com mais esforço...

Quando eu passei a porta ela acordou. O primeiro som que lhe saiu da boca foi um grito de medo...

Mal eu fechara a porta, bateram nela. Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavam da orgia. — Reclamaram que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto, e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda.

A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausência.

Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insânia, e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dor o ouvi-la.

Dois dias e duas noites levou ela de febre assim... Não houve como sanar-lhe aquele delírio, nem o rir do frenesi. — Morreu depois de duas noites e dois dias de delírio.

À noite saí; fui ter com um estatuário que trabalhava perfeitamente em cera, e paguei-lhe uma estátua dessa virgem.

Quando o escultor saiu, levantei os tijolos de mármore do meu quarto, e com as mãos cavei aí um túmulo. — Tomei-a então pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do sono eterno

com o lençol de seu leito. Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele.

Um ano — noite a noite — dormi sobre as lajes que a cobriam... Um dia o estatuário me trouxe a sua obra. — Paguei-lha e paguei o segredo...

Não te lembras, Bertram, de uma forma branca de mulher que entreviste pelo véu do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solfieri?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho lhe queima assaz os lábios? quem pergunta o nome da prostituta com quem dormia, e que sentiu morrer a seus beijos, quando nem há dele mister por escrever-lho na lousa?

Solfieri encheu uma taça. — Bebeu-a. — Ia erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo?

— Pelo inferno que não! por meu pai que era conde e bandido, por minha mãe que era a bela Messalina das ruas, pela perdição que não! Desde que eu próprio calquei aquela mulher com meus pés na sua cova de terra — eu vo-lo juro — guardei-lhe como amuleto a capela de defunta. Ei-la!

Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.

— Vede-la? murcha e seca como o crânio dela!

O corvo

Edgar Allan Poe

Introdução

Não há como falar sobre morte sem mencionar Edgar Allan Poe. Considerado o criador do romance policial, Poe distribuiu seus esforços literários entre muitos gêneros, mas sempre com um foco e um apreço especial pelas narrativas de terror e de mistério. Nascido em Boston, nos Estados Unidos, no dia 19 de janeiro de 1809, Poe passou por algumas adversidades logo nos primeiros anos de vida — seu pai deixou-o um ano após seu nascimento, e sua mãe morreu no ano seguinte. Adotado por um rico comerciante escocês quando tinha dois anos, Poe fez seus primeiros estudos na Escócia e, mais tarde, seguiu com sua formação nos Estados Unidos — onde publicou seus primeiros poemas e seguiu com o ofício de escritor. Ele

morreu em 1849, e as causas de sua morte são desconhecidas até hoje.

Fascinado pelo macabro e pelo oculto, Poe trouxe a morte como principal tema de muitos dos seus trabalhos. Suas obras foram um marco na literatura americana, servindo, posteriormente, de inspiração para muitos dos grandes escritores de terror — como Stephen King, por exemplo — e de romances policiais — como Agatha Christie.

Em "O corvo", Poe apresenta um poema gótico ritmado e encoberto de mistério sobre um homem que lamenta a perda de sua amada, quando, em uma noite insólita, um corvo vem o visitar. Aqui está a tradução de Fernando Pessoa, pois, mesmo tendo suas ressalvas, é a que mais se assemelha ao poema original em forma — preservando ao máximo a cadência, os componentes rítmicos e a estrutura criados deliberadamente por Poe no original em inglês.

O corvo

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e
[triste,
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus
[umbrais.
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus
[umbrais.
É só isto, e nada mais."

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio
[dezembro,
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras
[desiguais.
Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos
[livros dada

P'ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre
[hostes celestiais —
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes
[tais!
Mas, a mim mesmo infundindo força, eu ia
[repetindo,
"É uma visita pedindo entrada aqui em meus
[umbrais;
Uma visita tardia pede entrada em meus
[umbrais.
É só isto, e nada mais".

E, mais forte num instante, já nem tardo ou
[hesitante,
"Senhor", eu disse, "ou senhora, decerto me
[desculpais;
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,
Tão levemente batendo, batendo por meus
[umbrais,
Que mal ouvi…" E abri largos, franqueando-os,
[meus umbrais.
Noite, noite e nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém
[sonhou iguais.

Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,
E a única palavra dita foi um nome cheio de ais —
Eu o disse, o nome dela, e o eco disse os meus ais.
Isto só e nada mais.

Para dentro então volvendo, toda a alma em
[mim ardendo,
Não tardou que ouvisse novo som batendo mais
[e mais.
"Por certo", disse eu, "aquela bulha é na minha
[janela.
Vamos ver o que está nela, e o que são estes
[sinais."
Meu coração se distraía pesquisando estes sinais.
"É o vento, e nada mais."

Abri então a vidraça, e eis que, com muita
[negaça,
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos
[ancestrais.
Não fez nenhum cumprimento, não parou
[nenhum momento,
Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus
[umbrais,
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus
[umbrais.
Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha
[amargura

Com o solene decoro de seus ares rituais.
"Tens o aspecto tosquiado", disse eu, "mas de
[nobre e ousado,
Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais!
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais."
Disse o corvo, "Nunca mais".

Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido
Que uma ave tenha tido pousada nos seus
[umbrais,
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus
[umbrais,
Com o nome "Nunca mais".

Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera,
[augusto,
Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em
[ais.
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em
[meu pensamento
Perdido, murmurei lento, "Amigo, sonhos — mortais
Todos — todos já se foram. Amanhã também te
[vais".
Disse o corvo, "Nunca mais".

A alma súbito movida por frase tão bem cabida,
"Por certo", disse eu, "são estas vozes usuais.

Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o
[abandono
Seguiram até que o entorno da alma se quebrou
[em ais,
E o bordão de desesp'rança de seu canto cheio
[de ais
Era este "Nunca mais".

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha
[amargura,
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus
[umbrais;
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira
Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos
[ancestrais,
Esta ave negra e agoureira dos maus tempos
[ancestrais,
Com aquele "Nunca mais".

Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba
[dizendo
À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando
No veludo onde a luz punha vagas sombras
[desiguais,
Naquele veludo onde *ela*, entre as sombras
[desiguais,
Reclinar-se-á nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum
[incenso
Que anjos dessem, cujos leves passos soam
[musicais.
"Maldito!", a mim disse, "deu-te Deus, por anjos
[concedeu-te
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com
[teus ais,
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus
[ais!"
Disse o corvo, "nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta — ou demônio ou
[ave preta!
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a
[meus umbrais,
A este luto e este degredo, e esta noite e este
[segredo,
A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a
[quem atrais
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a
[quem atrais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta — ou demônio ou
[ave preta!
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e
[mortais,
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra
[vida,

Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Que esse grito nos aparte, ave ou diabo", eu
[disse. "Parte!
Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas
[infernais!
Não deixes pena que ateste a mentira que
[disseste!
Minha solidão me reste! Tira-te de meus
[umbrais!
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus
[umbrais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".

E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus
[umbrais.
Seu olhar tem a medonha dor de um demônio
[que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão
[mais e mais.
E a minh'alma dessa sombra, que no chão há de
[mais e mais,
Libertar-se-á… nunca mais!

A casa dos mortos

Júlia Lopes de Almeida

Introdução

Júlia Lopes de Almeida (1863-1934), autora de *A casa dos mortos*, iniciou sua carreira cedo, aos 19 anos. Em vida, teve mais de 40 volumes publicados, dentre eles, seus livros mais famosos são *A falência* (1901), *A viúva Simões* (1897) e *O livro das noivas* (1896). Apesar de sua obra extensa e de ter colaborado para a fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), Lopes teve seu momento de fama postergado para depois de sua morte. O machismo impregnado na sociedade de sua época não apenas a impediu de se tornar uma autora famosa quando viva, mas também a frustrou em relação ao seu mérito pela academia que, na época, recusava-se a aceitar pessoas do sexo feminino dentre seus membros efetivos. Dessa forma, a cadeira que receberia seu

nome na inauguração da Academia, em 1897, foi concedida ao seu marido, o jornalista e poeta Filinto de Almeida. Apenas em 1977, com a entrada de Rachel de Queiroz para a associação, a ABL passou a aceitar mulheres em seu seleto grupo de autores. Tal injustiça com Lopes de Almeida foi reconhecida pela ABL apenas em 2017, no ciclo de conferência Cadeira 21, em uma homenagem à autora.

O conto escolhido para a antologia encontra-se junto a outras 29 histórias no livro *Ânsia eterna* (1903). A narrativa aparece aqui em terceiro lugar como um respirar sensível e uma crítica favorável à força feminina. Ainda que a história carregue seu peso gótico, assim como todos os outros contos, ela manifesta-se como uma narrativa terna sobre o amor de uma mãe e a saudade dolorida de uma filha que, superando qualquer limite, encontram-se no mundo dos mortos para uma última despedida.

A casa dos mortos

A Francisca Júlia da Silva

Que frio e que negrume!

E eu ia andando no meio da treva, corajosa e firme, em busca daquela que me deu a vida, que me criou nos seus seios, que me enchia as faces de beijos e me vestia a alma de alegrias.

Eu estava agora faminta, mal vestida, mal consolada, cheia de mágoas, saudosa do seu afago quente e doce, da sua palavra cheirosa como o mel da abelha em tronco de especiaria.

E fui andando na treva, seguindo uns passos que eu ouvia, não sei de quem, não sei para onde.

Nem uma estrelinha orientadora; tudo era mudez; só aqueles passos diante de mim: tan, tan, tan, tan, como marteladas através de uma parede grossa!

E fui, sem medo, até que os passos pararam e uma porta se abriu sem rumor, larga e macia. Veio uma rajada; encostei-me ao umbral e divisei, então, a uma luz frouxíssima, uns vultos mal definidos, quase apagados.

Perto de mim um homem, embuçado como um esquimó, tirou da cabeça um fardo e pousou-o no chão; depois, voltando-se, disse-me com uma voz soluçada como o vento na ramaria de um salgueiro:

— Por que vieste atrás de mim? Esta é a casa dos mortos. Vai-te embora! A estrada negra é proibida aos vivos; és o primeiro que a percorre toda sem ter morrido...

Sombras esparsas iam tomando formas humanas e vinham curiosas, lentas, resvalando, debruçarem-se sobre o meu corpo, em atitude de espanto. Eu resistia ao pavor e sôfrega perscrutava tudo, em busca daquela que me deu a vida, que me enchia as faces de beijos, que me embalava com as suas palavras mais cheirosas que o mel das abelhas em tronco de especiaria.

— Quem procuras? — perguntou o mesmo homem, cujos traços eu não percebia sob a projeção do capuz.

— Minha mãe.

O som da minha voz fez fugir em revoada todas aquelas figuras de névoa, como a badalada de um sino em torre coberta de passarinhos. Eu mesma tremi, estranhando a vibração das minhas palavras, tal a clareza e a vida da minha voz ecoando entre os fracos murmúrios das outras, de um tênue sopro de brisa.

Então lá do fundo, do meio de um amontoado de novelos alvadios que se dissipavam aqui para se ajuntarem acolá, a minha mãe veio até mim, sorrindo, com o seu vestido caseiro, a sua bela carne rosada, gorda e fresca como nos tempos em que eu repousava no seu largo seio a minha cabeça sonhadora e febril, e ela me alisava os cabelos com as suas mãos formosíssimas.

Radiante, atirei-me para beijá-la; ela, porém, sempre tão pronta em receber os meus carinhos, paralisou-me com um gesto.

— Não me toques! não me beijes! Todo o meu corpo se desfaria ao mais leve contato... Terias horror da minha carne e desmaiarias se os meus lábios se unissem aos teus. Para que vieste procurar-me? Foge, meu amor, o teu lugar é lá, na vida, na febre, na luz, no sofrimento. Vai sofrer. Saudades? tinhas saudades? Pobrezinha! Esquece; não há nada que valha o esquecimento. Eu nunca te apareceria, se não viesses procurar-me. Fizeste mal ao meu repouso, porque, vendo-te, eu não te posso apertar ao meu seio! E as tuas irmãs! E Ele?!

Eu chorava; e não perdia um só dos seus gestos. Lembro-me de que ela quis dar-me uma fruta, e que sorriu depois com amargura, vendo desfazer-se entre os seus dedos lívidos a fruta que me estendia.

— Até os mortos têm ilusões... eu esquecia-me... — disse ela com a sua voz tão outra, apenas audível, como um murmúrio de vento muito ao longe...

Então eu vi, eu vi que todas aquelas sombras flutuantes cercavam o fardo que o homem de capuz pousara no chão; eram dois caixões com defuntos; em um ia uma virgem, no outro um homem. Ela era branca e fina, com umas madeixas negras sobre a túnica pálida e uma haste de nardos nas mãos postas em cruz. Ele era igualmente pálido, e moço, e belo, com a sua linda cabeça loira pousada em violetas.

A Morte, em pé, muito alta e muito esguia, diante dos dois caixões, lançava-lhes uma bênção vagarosa, larga, com dizeres que eu não entendia.

Minha mãe explicou-me:

— Só o amor perdura além da morte. Aquilo é a celebração de um noivado. Os dois corpos ficaram lá embaixo, intactos, rígidos, mas aqui as duas almas estarão sempre unidas; e se voltarem à terra voltarão juntas e para o mesmo laço. Serão eternamente presas uma à outra; almas felizes, raras! Vês? Quem não amou

na vida não tem nem a doçura da saudade para amenizar-lhe a tristeza deste exílio. Repara para as virgens sem noivos; que ar de lamento que elas têm! Essas nunca voltarão à terra, porque da vida não trouxeram lembrança. Só quem amou traz para o mistério da morte um aroma de sonho. Tudo mais é poeira que o vento leva, e espalha, e não se torna a encontrar... Vai-te embora!

Os olhos de minha mãe tinham um brilho de lágrimas, e eu estendi-lhe os braços ansiosos, e logo o seu corpo se tornou imaterial, diáfano, como se de névoa fosse. Então o homem do capuz, cujas feições não vi, pegou-me pela mão e trouxe-me para fora, para a estrada, onde eu caminhei entre duas longas filas de ciprestes negros e de anêmonas roxas. Caminhei, caminhei, sem sentir o solo sob os pulsos cansados; e quando abri os olhos deste estranho sonho tinha o rosto coberto de lágrimas e as mãos em cruz sobre o coração.

O mortal imortal

Mary Shelley

Introdução

O nome de Mary Shelley (1797-1851) é certamente um dos primeiros a surgir em discussões literárias sobre terror e romance gótico. Em 1818, aos 19 anos, a autora é considerada uma das que inaugurou a ficção científica ao publicar *Frankenstein*, que mudou para sempre os rumos da literatura e da ficção.

Dois séculos mais tarde, a obra continua sendo motivo de fascínio para leitores de todas as idades ao redor do mundo. A razão para isso talvez seja porque Shelley foi capaz de tecer uma narrativa acerca de um tema que nunca se esgota: a existência humana; transcendendo as barreiras do mundano e compreensível, dando vazão ao seu estilo singular.

Sua expedição temática tem raízes no gótico. Para além de estilo, a literatura gótica do século XIX é uma visão de mundo; é a representação da certeza da decadência, do caos instaurado pela industrialização nas grandes cidades, da nova (des)ordem social e da especulação constante acerca dos limites da tecnologia sobre a vida humana — que é tão efêmera, frágil e passível de atrocidades.

O conto "O mortal imortal" é a perpetuação desse olhar. Chegou aos leitores pela primeira vez em 1834, na antologia anual *The Keepsake*. Esse tipo de publicação é conhecido em inglês como *literary annual*, muito comum no século XIX, e foi onde Shelley produziu grande parte da sua obra sob encomenda, tendo contribuído para diversas outras publicações ao longo de 17 anos.

A tradução

No Brasil, "O mortal imortal" teve sua primeira edição somente em 2020 pela editora Balão Editorial, traduzido por Guilherme Kroll. A seguir, encontra-se uma tradução feita especialmente para esta antologia. Dada a responsabilidade dessa tarefa, faz-se necessário contextualizar brevemente o leitor sobre a tradução que apresentamos.

Traduzir Shelley não é missão simples. Seu estilo rebuscado, mas jamais empolado, pode parecer um pouco estranho aos olhos do nosso século. Por isso, nossa tradução buscou ao máximo se manter próxima do original em termos de construções sintáticas e pontuação, de modo que o texto não se descole do estranhamento provocado pelo original em inglês.

A perspicácia da autora também está nas entrelinhas, em uma camada mais profunda de interpretação. As intertextualidades requerem, talvez, mais de uma experiência. Exemplo disso é a figura de Cornelius Agrippa, intelectual esotérico e ocultista da Renascença alemã e personagem fundamental no conto, que também serviu de inspiração para a criação do protagonista de *Frankenstein*.

São muitas as leituras que podem ser feitas a partir deste conto. Por isso, enquanto profissionais da tradução e da edição, optamos por não causar interferências ou ruídos na experiência, deixando a cargo de você, leitor, e da bagagem que traz consigo, adentrar nas próximas páginas com a curiosidade que Mary Shelley desperta há mais de 200 anos.

O MORTAL IMORTAL

16 DE JULHO, 1833 — este é um aniversário memorável para mim; nele eu completo meu tricentésimo vigésimo terceiro ano!

O Judeu Errante? — claro que não. Mais de dezoito séculos já passaram por sua cabeça. Comparado a ele, sou um Imortal bem jovem.

Então sou eu, de fato, imortal? Essa é uma pergunta que me faço dia e noite, há trezentos e três anos, e ainda não consigo respondê-la. Notei um fio branco em meio aos meus cabelos castanhos hoje mesmo — isso certamente significa decadência. Entretanto, ele deve ter permanecido escondido ali por trezentos anos — algumas pessoas ficaram com a cabeça branca antes mesmo dos vinte.

Contarei a minha história, e o meu leitor julgará por mim. Contarei a minha história e assim tentarei transformar em poucas horas uma longa eternidade que se tornou tão fatigante para mim. Para sempre! Será possível? Viver eternamente! Já ouvi histórias sobre encantamentos, nos quais a vítima foi mergulhada em um sono profundo, para, então, acordar depois de centenas de anos nova em folha: já ouvi falar dos Sete Dorminhocos de Éfeso — dessa forma, ser imortal não seria tão pesaroso. Mas, ah! o peso do tempo que nunca passa — a lenta passagem das horas estáticas! Quão eufórico era o famoso Nourjahad! Mas não é meu caso.

O mundo inteiro já ouviu falar de Cornelius Agrippa. Sua memória é tão imortal quanto eu, resultado de suas artes. Todo o mundo também já ouviu falar de seu aprendiz que, desprevenido, invocou um demônio tenebroso durante a ausência de seu mestre e foi destruído por ele. A notícia, verdadeira ou falsa, desse acidente, trouxe muitas inconveniências ao renomado filósofo. Todos os seus aprendizes, de uma só vez, abandonaram-no, e seus servos desapareceram. Ele não tinha ninguém por perto para colocar carvão em sua fogueira sempre ardente enquanto dormia, ou para vigiar as colorações mutantes de seus remédios enquanto estudava. Um após o outro, os experimentos fracassavam, porque

somente um par de mãos não era o suficiente para completá-los. Os espíritos das trevas riam dele por não ser capaz de manter nem sequer um mortal a seu serviço.

Naquele tempo, eu era muito jovem — muito pobre — e muito apaixonado. Havia um ano que eu era o pupilo de Cornelius, entretanto não estava presente quando o acidente aconteceu. Ao retornar, meus amigos imploraram para que eu não voltasse para a morada do alquimista. Eu tremia ao escutar o conto macabro que eles contavam; não precisava de mais nenhum motivo; e quando Cornelius me ofereceu um punhado de ouro para que eu continuasse debaixo de seu teto, senti como se o próprio Satanás me tentasse. Meus dentes rangiam — meus cabelos eriçaram-se: — eu corri tão rápido quanto meus joelhos trêmulos permitiram.

Meus passos falhos dirigiram-se ao lugar para onde, durante dois anos, toda noite eles eram atraídos — uma gentil e borbulhante nascente de águas puras e lívidas, na qual se demorava uma garota de cabelos negros, seus olhos brilhantes fixos no caminho que todas as noites eu trilhava. Não consigo me lembrar de um tempo em que eu não amasse Bertha. Nós éramos vizinhos e brincávamos juntos desde a infância — seus pais, assim como os meus, eram humildes, mas respeitáveis — nossa ligação era fonte de alegria para eles. Em épocas difíceis,

uma febre maligna levou seu pai e sua mãe, e Bertha ficou órfã. Ela teria encontrado abrigo no lar de meu pai, mas, infelizmente, uma velha senhora do castelo próximo, afortunada, sem filhos e solitária, declarou sua intenção em adotá-la. Desde então, Bertha foi adornada em seda — habitava um palácio de mármore — e foi vista como grandemente favorecida pela fortuna. Mas em relação a sua situação com o seu novo círculo, Bertha manteve-se fiel ao amigo dos seus dias mais humildes. Ela visitava muitas vezes o chalé de meu pai e, ao ser proibida de ir para lá, desviava para a floresta vizinha e encontrava-me ao lado da fonte sombria.

Ela declarava frequentemente que não devia nada a sua nova protetora, diferentemente da pureza daquilo que nos unia. Entretanto, eu era muito pobre para me casar, e ela cansou-se de se angustiar por minha causa. Tinha um espírito orgulhoso, mas impaciente, e enraiveceu-se dos obstáculos que impediam nossa união. Encontramo-nos depois de muito tempo, e ela esteve muito atribulada enquanto eu estava longe; reclamou amargamente e quase me repreendeu por ser pobre. Respondi sem pensar:

— Eu não minto! Se fosse pobre, diria. Não o sou, logo ficarei rico!

Essa exclamação gerou várias perguntas. Eu tinha medo de assustá-la com a verdade, mas

ela arrancou-a de mim; e então, lançando um olhar de desdenho, disse-me:

— Você diz me amar, mas teme enfrentar o Diabo por mim!

Protestei dizendo que apenas temia magoá-la; — enquanto ela refletia sobre a grandeza da recompensa que eu iria receber. Assim, encorajado — envergonhado por ela —, influenciado pelo amor e pela esperança, rindo dos meus medos anteriores, com passos rápidos e coração leve, retornei para aceitar as ofertas do alquimista e fui instalado em meu escritório.

Um ano se passou. Tomei posse de uma quantia nada insignificante de dinheiro. Os modos expulsaram os meus medos. Apesar de uma vigilância ferrenha, nunca detectei nenhum traço de algo maligno; nem o silêncio diligente de nossa casa foi perturbado por uivos demoníacos. Continuei meus encontros secretos com Bertha, e a Esperança despontou em mim — Esperança —, mas não a alegria plena; pois Bertha imaginava que amor e segurança eram inimigos, e o seu prazer estava em partilhá-los comigo. Embora tivesse um coração sincero, ela era um tanto quanto coquete em suas maneiras; e eu era invejoso como um turco. Ela menosprezava-me de centenas de formas diferentes; ainda assim, nunca imaginava estar errada. Enlouquecia-me de raiva e então forçava-me a implorar por perdão. Às vezes, ela pensava

que eu não era submisso o suficiente, então criava uma história de um rival, favorecido por sua protetora. Ela era rodeada de jovens vestidos de seda — os ricos e felizes —; que chance teria o estudante malvestido de Cornelius comparado com eles?

Em certa ocasião, o filósofo fez demandas tão grandes quanto ao meu tempo que eu não pude me encontrar com ela como estava habituado. Ele estava compenetrado em um trabalho importante, e eu fui forçado a permanecer, de dia e de noite, alimentando sua fornalha e observando suas preparações químicas. Bertha esperou por mim na fonte, em vão. Seu espírito orgulhoso enfureceu-se com essa negligência; e quando por fim saí furtivamente durante os poucos minutos que me foram concedidos para dormir, e esperava ser consolado, recebeu-me com desdém, dispensou-me com desprezo e jurou que qualquer homem deveria ter sua mão em vez daquele que não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo por ela. Ela se vingaria! — E, de fato, fê-lo. Em meu retiro sombrio, soube que ela estava caçando junto de Albert Hoffer. Ele era preferido pela sua protetora, e os três passaram cavalgando próximo à minha janela esfumaçada. Pensei tê-los ouvido mencionar o meu nome — foi seguido de uma risada zombadora, enquanto os olhos escuros dela dirigiram-se desdenhosamente à minha casa.

A inveja com todo seu veneno, toda sua miséria, entrou em meu peito. Agora choro rios de lágrimas, pensando que nunca deveria chamá-la de minha. Mas, logo, lancei mil maldições pela sua inconstância. Apesar disso, ainda devo mexer na fornalha do alquimista, ainda preciso observar as reações das suas complicadas medicinas.

Cornelius observou-as por três dias e noites, não pregou os olhos nem uma vez. O progresso de seus alambiques era mais lento do que ele esperava: apesar de sua ansiedade, o sono pesava em seus olhos. De novo e de novo ele expulsava o cansaço com algo além das capacidades humanas; de novo e de novo isso roubava os seus sentidos. Olhou seus cadinhos melancolicamente.

— Não está pronto ainda — ele murmurou. — Será que outra noite se passará sem que o trabalho esteja completo? Winzy, você é vigilante, fiel. Mas você dormiu, menino. Você dormiu na noite passada. Olhe este frasco de vidro. O líquido que ele contém é de um rosa pálido. No momento em que a tonalidade mudar, acorde-me; até lá, descansarei um pouco os meus olhos. Primeiro, ele se tornará branco e então emitirá clarões dourados. Mas não espere isso acontecer. Quando o rosado esmorecer, acorde-me.

Mal pude ouvir as últimas palavras, murmuradas pelo sono. Mesmo assim, ele ainda não se entregara às limitações de seu corpo.

— Winzy, meu garoto — chamou-me novamente —, não toque o frasco, não o coloque em seus lábios. É uma poção do amor, mas uma poção que cura o amor. Você não deve deixar de amar a sua Bertha. Cuidado, não a beba!

E então dormiu. Sua cabeça pendeu sob seu peito, e agora eu mal ouvia sua respiração regular. Monitorei o frasco por alguns minutos. O tom rosado do líquido manteve-se intacto. E então meus pensamentos viajaram, passaram pela fonte e lá permaneceram, imaginando diversos cenários que jamais seriam vividos novamente. Jamais! Serpentes e víboras surgiram em meu coração enquanto a palavra "Jamais!" começou a se formar na minha boca. Garota falsa! Falsa e cruel! Nunca mais sorriria para mim como sorriu para Albert naquela noite. Inútil! Mulher detestável! Eu não permaneceria injustiçado — veria Albert dar seu último suspiro aos seus pés. Ela morreria com a minha vingança. Sorrira com desdenho e triunfo, conhecia a minha miséria e a sua soberania. E qual poder tinha ela? O poder de incitar o meu ódio — meu mais profundo desprezo. Ah! Tudo, menos a indiferença! Poderia eu atingir tal sentimento? Poderia eu olhá-la sem afeto, transferir meu rejeitado amor

a um mais honesto e mais verdadeiro, seria, de fato, uma vitória!

Um clarão ofuscou meus olhos. Eu havia esquecido o remédio do mestre; contemplei-o com admiração: lampejos de admirável beleza, mais brilhantes do que os que o diamante emite quando os raios do sol o tocam, cintilando da superfície do líquido; um odor mais perfumado e sublime roubou meus sentidos; o frasco parecia um globo de esplendor vivo, agradável aos olhos e muito convidativo ao paladar. O primeiro pensamento, inspirado por instintos primitivos, era: eu vou, eu preciso beber. Levei o frasco aos meus lábios. Irá curar-me do amor, da tortura! Eu já havia tragado metade do mais delicioso licor jamais sentido pelo palato humano, quando o filósofo se moveu. Assustei-me — derrubei o vidro. O fluído flamejou e resvalou pelo chão, enquanto eu sentia o aperto de Cornelius no meu pescoço, gritando:

— Miserável! Você destruiu o trabalho da minha vida!

O filósofo não tinha ideia de que eu havia bebido uma porção de sua droga. Ele imaginou, e eu consenti, que eu levantara o vidro por curiosidade e que, assustado com o brilho e as faíscas que emitia, deixara-o cair. Eu nunca o desmenti. O fogo da poção apagou-se, a fragrância esvaiu-se. Ele acalmou-se, como um

filósofo deve sempre fazer diante de toda intensa provação, e dispensou-me para descansar.

Nem mesmo tentarei descrever o êxtase da gloriosa noite de sono que banhou minha alma no paraíso naquelas últimas horas da madrugada. Palavras seriam falhas e insuficientes tentativas de representar meu gozo ou a satisfação que se apossou de mim no momento em que despertei. Eu caminhava nas nuvens — meus pensamentos estavam nos céus. A Terra parecia o Céu, e a minha herança nela parecia um transe prazeroso. "Esta é, de fato, a cura do amor", pensei. Verei Bertha hoje mesmo, e ela irá deparar-se com seu antigo amado, frio e alheio; contente demais para desdenhar, mas ainda assim indiferente a ela!

As horas voaram. O filósofo, seguro de que obteve sucesso e crendo que conseguiria replicá-lo, reiniciou a cocção da poção. Ele mergulhou em suas medicinas e livros, e eu tive uma folga. Escolhi bem minhas vestes, olhei-me em um velho, mas polido, escudo que me serviu de espelho; minha aparência certamente havia melhorado. Apressei-me em direção às proximidades da cidade, feliz, com a beleza dos céus e da terra ao meu redor. Direcionei-me ao castelo. Agora podia olhar suas torres imponentes com o coração aliviado, pois havia sido curado do amor. Minha Bertha viu-me de longe, logo que apareci na avenida. Não sei o que

subitamente se apossou dela, mas, à vista, uma expressão levemente maléfica cobriu sua face, e ela veio rapidamente em minha direção. Mas eu havia sido notado também por outra pessoa. A bruxa velha e afortunada, que se intitulava sua protetora, mas era, na verdade, uma tirana, viu-me também; ela mancou, ofegante, até o pátio. Um pajem, tão feio quanto ela, ajudava-a e abanava-a enquanto ela se apressava. Ela parou minha doce menina dizendo:

— O que há agora, minha ousada dama? Aonde vai com tanta pressa? De volta para sua cela; embusteiros estão à solta!

Bertha apertou as mãos. Seus olhos ainda fitavam minha figura, que se aproximava. Vi, então, a contenda. Como eu abominava a velha que controlava os impulsos mansos do bom coração de minha Bertha. Até então, o respeito por sua posição fazia-me evitar a dama do castelo; agora eu desdenhava tais considerações triviais. Fui curado do amor e abandonei também todos os medos humanos; apressei-me e logo cheguei ao pátio. Quão encantadora Bertha estava! Seus olhos faiscavam fogo, sua face rosada com impaciência e raiva, ela estava cem vezes mais bela e atraente que nunca. Oh! Que pena! Eu não a amava mais. Não. Adorava-a. Idolatrava-a, venerava-a!

Ela fora, naquela manhã, procurada, com mais que a usual pompa, para consentir

um casamento imediato com o meu rival. Foi repreendida por causa do entusiasmo que demonstrou a ele — foi ameaçada de ser deixada ao relento com desgraça e vergonha. Seu espírito altivo eriçou-se diante da ameaça. Ela, porém, recordou-se do escárnio que depositou em mim e em como, talvez, ela tivesse perdido alguém que agora considerava seu único amigo. Chorou de remorso e raiva. Naquele momento eu apareci.

— Oh, Winzy! — ela exclamou. — Leve-me ao chalé de sua mãe. Deixe-me abandonar essas detestáveis regalias e a miséria deste castelo rapidamente. Leve-me à pobreza e à felicidade.

Tomei-a em meus braços, sustentando-a. A velha ficou sem palavras, tamanha a fúria, e só irrompeu em injúrias quando estávamos bem longe, no caminho para minha casa. Minha mãe recebeu a frágil fugitiva, que escapou da gaiola dourada à natureza e liberdade, com ternura e alegria. Meu pai, que a amava, recebeu-a com todo coração. Foi um dia de júbilo que não precisou da poção celestial do alquimista para me fazer descansar tranquilo.

Logo após esse memorável dia, tornei-me esposo de Bertha. Deixei de ser aluno de Cornelius, mas continuamos amigos. Sempre fui grato a ele por, sem saber, ter me fornecido aquele delicioso trago do elixir divino, que em vez de me curar do amor (triste cura! Solitário e triste remédio para males que parecem bênçãos

à memória), inspirou-me com coragem e resolução, conquistando-me assim um tesouro inestimável, minha Bertha.

Muitas vezes, eu lembrava-me daquele período de embriaguez eufórica com surpresa. A poção de Cornelius não apenas completara a tarefa para a qual ele afirmara tê-la preparado; mas seus efeitos eram muito mais potentes e ditosos do que se pode imaginar.

Eles desapareciam gradualmente, embora durassem muito tempo — e pintassem a vida com as cores do esplendor. Com frequência, Bertha espantava-se com a leveza do meu coração e minha vivacidade singular; antes, meu temperamento era sério, ou mesmo triste. Ela amava-me mais pelo meu espírito animado, e nossos dias eram elevados pela alegria.

Cinco anos depois, fui subitamente chamado ao leito de morte de Cornelius. Ele mandou que me chamassem às pressas, conjurando minha presença imediatamente. Encontrei-o sobre seu catre, definhando até a morte; da vida ainda lhe restavam aquele par de olhos penetrantes, fixos em um recipiente de vidro cheio de um líquido rosado.

— Cuidado — disse, com a voz débil e quebradiça — com a vaidade dos desejos humanos! Pela segunda vez minhas esperanças estão prestes a ser coroadas; pela segunda vez são destruídas. Veja aquela poção. Você se lembra

que cinco anos atrás eu preparei a mesma, com o mesmo sucesso. Antes, assim como agora, meus lábios sedentos anseiam degustar o elixir imortal. Você o arrancou de mim! E agora é tarde demais.

Falou com dificuldade, caindo em seu travesseiro. Não pude evitar dizer:

— Como, venerado mestre, pode a cura do amor trazê-lo de volta à vida?

Um leve sorriso brilhou em seu rosto enquanto eu ouvia, com seriedade, sua resposta pouco inteligível.

— A cura para o amor e todas as coisas é o Elixir da Imortalidade. Ah! Se agora eu bebê-lo, viverei para sempre!

Enquanto ele falava, um clarão dourado brilhou do fluído; uma fragrância conhecida pairou sobre o ar; ele levantou-se, fraco que estava — a força parecia ter invadido seu corpo milagrosamente — e estendeu a mão. Uma explosão estrondosa assustou-me — um raio de fogo disparou do elixir, e o recipiente de vidro onde ele estava se estilhaçou em átomos! Olhei para o filósofo. Ele caíra para trás; seus olhos estavam vidrados, o semblante rígido. Estava morto!

Mas eu estava vivo, e viveria para sempre! Assim disse o pobre alquimista, e por alguns dias acreditei em suas palavras. Lembrei-me da gloriosa embriaguez que se seguiu ao meu trago roubado. Refleti sobre as mudanças que senti em

meu corpo — em minha alma. A elasticidade limitada daquele — a leveza flutuante deste. Analisei-me no espelho e não percebi mudanças em minhas feições durante os cinco anos que se passaram. Lembrei-me dos tons radiantes e do aroma agradável daquela bebida deliciosa — digna do dom que foi capaz de conceder: eu era, então, IMORTAL!

Alguns dias depois, eu ri de minha credulidade. O antigo provérbio que diz que "somente em sua própria terra é que um profeta não é devidamente honrado" era verdade quanto a mim e ao meu extinto mestre. Eu amava-o como homem — e respeitava-o como sábio —, mas satirizava a noção de que ele comandava os poderes das trevas e ria dos medos supersticiosos pelos quais ele era estimado pelos mortais. Ele era um sábio filósofo, mas não conhecia os espíritos além daqueles vestidos de carne e sangue. Sua ciência era simplesmente humana; e ciência humana, logo me convenci, jamais poderia vencer as leis da natureza a ponto de aprisionar eternamente a alma em sua habitação carnal. Cornelius fabricara uma bebida que refrescava a alma — mais inebriante que o vinho, mais doce e perfumada do que qualquer fruta: continha, provavelmente, fortes poderes medicinais, dando contentamento ao coração e vigor aos membros; mas esses efeitos se desgastariam — já haviam diminuído em meu corpo. Eu era um

sujeito de sorte por ter emborcado a saúde e os espíritos festivos, e talvez a longa vida, das mãos de meu mestre; mas minha sorte acabou ali: a longevidade era muito diferente da imortalidade.

Alimentei essa crença por muitos anos. Às vezes, um pensamento assaltava-me: o alquimista realmente me iludira? Mas minha crença habitual era a de que eu deveria encontrar o destino de todos os filhos de Adão em minha hora certa — um pouco tarde, mas em uma idade natural. Apesar disso, era certo que eu retinha uma aparência maravilhosamente jovial. Riam da minha vaidade por olhar-me no espelho com frequência, mas eu assim fazia em vão — minha fronte estava intacta, desvincada; minhas bochechas, meus olhos — todo o meu ser continuava imaculado como em meu vigésimo aniversário.

Eu estava preocupado. Observava a beleza desvanecida de Bertha — eu parecia mais um filho seu. Pouco a pouco, os vizinhos começaram a fazer as mesmas constatações, e, por último, descobri que era chamado de Estudioso Enfeitiçado. Bertha estava atormentada. Tornou-se ciumenta e irritável e, por fim, começou a me questionar. Não tivemos filhos; afinal, vivíamos um para o outro. Entretanto, conforme ela envelhecia, seu espírito vivaz tornou-se um pouco mal-humorado, e sua beleza tristemente se esvaiu. Eu a queria bem em meu coração como

a senhorita que idolatrara, a esposa que buscara e conquistei com um amor tão perfeito.

Por fim, nossa situação tornou-se intolerável: Bertha estava com cinquenta anos — e eu, com vinte. Em certa medida eu havia, com muita vergonha, adotado os hábitos de uma idade mais avançada; não mais circulava entre os jovens e felizes, mas meu coração saltava junto a eles enquanto eu continha meus pés, e uma figura lamentável com quem cruzava entre os nestores de nossa vila. Mas antes do tempo que mencionei, as coisas mudaram — éramos universalmente evitados; diziam que nós — eu, sobretudo — tínhamos mantido uma relação perversa com alguns dos supostos amigos do meu antigo mestre. A pobre Bertha era vista com pena, mas, mesmo assim, foi abandonada. Eu era visto com horror e ódio.

O que poderia ser feito? Sentamo-nos à nossa fogueira de inverno — a pobreza fez-se notável, pois ninguém comprava nada de minha fazenda; e, por vezes, eu era forçado a viajar trinta quilômetros até algum lugar onde ninguém me conhecia, para me desfazer de nossas mercadorias. É verdade que havíamos economizado alguma coisa para os piores dias — e eles chegaram.

Sentamo-nos à nossa lareira solitária — o jovem de coração envelhecido e sua esposa antiquada. Novamente, Bertha insistiu em saber da verdade; ela recapitulou tudo o que já ouvira

dizer a meu respeito e acrescentou suas próprias observações. Conjurou-me para acabar com o feitiço; descreveu como os cabelos grisalhos eram mais belos do que meus cabelos castanhos e cacheados; ponderou sobre a reverência e o respeito devido à idade — quão preferível era à consideração dada a meras crianças: poderia eu imaginar que os dons desprezíveis da juventude e da boa aparência superavam a desgraça, o ódio e o desprezo? Não. No fim, eu deveria ser queimado como um contrabandista, enquanto ela, a quem eu não me dera ao luxo de comunicar qualquer porção de minha boa sorte, pudesse ser apedrejada como minha cúmplice. Por fim, ela insinuou que eu deveria compartilhar meu segredo e conceder-lhe benefícios semelhantes àqueles dos quais eu desfrutava, ou ela me denunciaria — e depois caiu em prantos.

Assolada como ela estava, pensei que a melhor saída era dizer a verdade. Eu a revelei o mais delicadamente possível, e mencionei somente uma longa vida, e não a imortalidade — cuja representação, de fato, coincidiu com as minhas próprias ideias. Ao terminar, levantei-me e disse:

— E agora, Bertha, você denunciará o amante de sua juventude? Eu sei que não. Mas é muito difícil, minha pobre esposa, sofrer pelo meu azar e pelas artes malditas de Cornelius. Eu a deixarei. Você tem dinheiro o suficiente, e os amigos voltarão em minha

ausência. Partirei; jovem como pareço, forte como sou, posso trabalhar e ganhar meu pão entre estranhos, anônimos e desconhecidos. Eu a amei na juventude; Deus é testemunha de que não a abandonaria, mas sua segurança e felicidade o exigem.

Apanhei meu chapéu e fui em direção à porta; em um momento, os braços de Bertha envolviam o meu pescoço, e seus lábios junto aos meus.

— Não, meu marido, meu Winzy — disse. — Você não deve ir sozinho. Leve-me com você; sairemos deste lugar e, como você diz, entre estranhos passaremos despercebidos e estaremos em segurança. Não sou tão velha para envergonhá-lo, meu Winzy; e arrisco dizer que o charme logo se desvanecerá, e com a bênção de Deus, você parecerá mais velho, como apropriado; você não pode me deixar.

Retribuí cordialmente o abraço daquela boa alma.

— Não irei, minha Bertha; mas pelo seu bem eu não pensei em tal coisa. Serei seu verdadeiro e leal marido enquanto você estiver ao meu lado, e cumprirei meus deveres até o fim.

No dia seguinte, preparamo-nos em segredo para partir. Fomos obrigados a fazer grandes sacrifícios econômicos — não houve outra saída. Conseguimos uma quantia suficiente, pelo menos para nos manter enquanto Bertha

vivesse; e, sem dizer adeus a ninguém, partimos de nossa terra natal para encontrar refúgio em uma região remota do oeste da França.

Foi cruel transportar a pobre Bertha de sua vila natal, de seus amigos da juventude, para um novo país, uma nova língua, novos costumes. Esse estranho segredo do meu destino tornou esse afastamento imaterial para mim; mas senti profunda compaixão por Bertha e fiquei feliz ao perceber que ela foi recompensada por seus infortúnios em uma variedade de pequenas circunstâncias ridículas. Longe das más línguas, ela buscou amenizar a aparente diferença de nossas idades por meio de milhares de artes femininas — maquiagem, um vestido viçoso, e assumiu modos juvenis. Eu não podia ficar bravo — afinal, eu mesmo não usava uma máscara? Por que implicar com a dela? Porque era menos bem-sucedida? Sofri profundamente quando lembrei que aquela era a minha Bertha, a quem eu amara tanto e conquistei com tanto esforço — a garota de olhos e cabelos escuros, com o sorrir de encantadoras arcadas e o andar de um cervo — essa senhora afetada, ciumenta, de sorriso bobo. Eu deveria ter reverenciado seus cachos grisalhos e suas bochechas murchas; mas por isso! — era meu trabalho, eu sabia; mas nem ao menos deplorei esse tipo de fraqueza humana.

Seu ciúme nunca deu trégua. Sua principal ocupação era descobrir que, apesar das

aparências, eu estava envelhecendo. Acredito piamente que aquela pobre alma me amava com todo o seu coração, mas nunca uma mulher teve um modo tão perturbador de mostrar afeição. Ela notava rugas em meu rosto e senilidade em meu andar, enquanto eu perambulava com um vigor jovial, o mais jovem de minhas vinte juventudes. Nunca ousei me dirigir a outra mulher: em uma ocasião, fantasiando que a bela da vila me fitava com um olhar favorecedor, comprou-me uma peruca grisalha. Seu discurso constante entre os conhecidos era que, embora eu parecesse ser jovem, meu corpo estava em ruínas; e afirmava que o pior sintoma era a minha aparente saúde. Minha juventude era uma doença, dizia ela, e devo a todo instante me preparar, se não para uma morte súbita e terrível, para ao menos despertar completamente grisalho, o corpo curvado com todas as marcas do avanço da idade. Deixei-a falar — muitas vezes, ajuntava-me às suas suposições. Seus alertas consoavam com minhas incessantes especulações a respeito de meu estado, e eu desenvolvi um interesse sincero, embora doloroso, em ouvir tudo o que seu raciocínio rápido e sua imaginação animosa poderiam dizer sobre o assunto.

Por que insistir nessas minuciosas circunstâncias? Nós vivemos por muitos longos anos. Bertha ficou presa à cama, paralítica: eu cuidava dela como uma mãe cuida do filho. Ela

tornou-se rabugenta e insistia no mesmo assunto — por quanto tempo eu viveria além dela. Sempre foi uma fonte de consolo, para mim, cumprir escrupulosamente minhas obrigações com Bertha. Ela fora minha quando jovem, foi minha quando velha, e, por fim, quando joguei a última pá de terra sobre seu cadáver, chorei por sentir que perdi o que realmente me atava à humanidade.

Desde então, quantos foram os cuidados e aflições, quão poucos e vazios os prazeres! Encerro aqui minha história — não mais a perseguirei. Um marinheiro sem leme nem bússola, atirado ao mar revolto — um viajante perdido em um vasto terreno, sem placas ou estrelas — tal fui eu: mais perdido e desesperançoso. Um navio que se aproxima, o vislumbre de um abrigo ao longe, talvez o salve; mas eu não tenho outro farol senão a esperança da morte.

Morte! A amiga de face enferma e misteriosa da fraca humanidade! Por que, de todos os mortais, você me expulsou de seu abrigo? Ah, pela paz da sepultura! O profundo silêncio da tumba presa em ferro! Aquele pensamento cessaria em minha mente, e meu coração bate sem mais emoções que variam por novas formas de tristeza!

Eu sou imortal? Retorno à minha primeira pergunta. Em primeiro lugar, não é mais provável que a bebida do alquimista estivesse cheia de longevidade em vez de vida

eterna? Essa é a minha esperança. E vale lembrar que eu bebi somente metade da poção preparada por ele. Não seria necessário beber tudo para completar o feitiço? Beber metade do Elixir da Imortalidade é senão ser meio imortal — meu para-sempre, logo, é truncado e nulo.

Mas quem há de numerar os anos da meia eternidade? Amiúde, tento imaginar por qual regra o infinito pode ser dividido. Às vezes, fantasio a idade avançando sobre mim. Encontrei um fio de cabelo grisalho. Tolo! Se eu lamento? Sim, o medo da idade e da morte por vezes congela o meu coração; e quanto mais eu vivo, mais temo a morte, embora abomine a vida. Tal enigma é o homem — nascer para fenecer — quando ele luta, como eu, contra as leis estabelecidas de sua natureza.

Mas por essa anomalia de sentimentos eu certamente morrerei: o remédio do alquimista não seria à prova de fogo — espada — e das águas estrangulantes. Contemplei os azuis profundos de muitos lagos plácidos e a correnteza tumultuosa de rios poderosos, e disse que a paz habita aquelas águas; contudo desviei meus passos para viver mais um dia. Perguntei-me se o suicídio seria um crime contra alguém a quem somente dessa maneira os portais do outro mundo seriam abertos. Fiz de tudo, exceto me apresentar como um soldado ou duelista, um objeto de destruição de meus — não, não meus companheiros mortais,

logo, afastei-me, encolhendo-me. Eles não são meus companheiros. O poder inextinguível da vida em meu ser e sua existência efêmera coloca-nos em polos opostos. Eu não poderia erguer o punho contra o mais importante ou poderoso deles.

Assim vivi por muitos anos — sozinho e cansado de mim mesmo —, desejando a morte, mas nunca morrendo — um mortal imortal. Nenhuma ambição ou avareza é capaz de adentrar meus pensamentos, e o amor que rói meu coração e jamais voltará — nunca para encontrar um semelhante para o qual se estender — vive apenas para me atormentar.

Neste mesmo dia concebi um projeto por meio do qual posso me extinguir — sem automutilação, sem fazer de um outro homem Caim —, uma expedição, à qual a carcaça mortal jamais sobreviverá, mesmo dotada da juventude e da força que me habita. Assim, colocarei minha imortalidade à prova, e descansarei para sempre — ou retornarei, a maravilha e o benfeitor da espécie humana.

Antes que eu parta, uma vaidade miserável fez-me escrever estas páginas. Eu não morreria sem deixar rastros. Três séculos se passaram desde que eu emborquei a bebida fatal: outro ano não decorrerá, encontrando perigos gigantes — lutando contra os poderes da neve em suas casas — assolados pela fome, labuta e tempestade — eu cedo este corpo tenaz, a jaula para uma alma

sedenta por liberdade, aos elementos destrutivos do ar e da água — ou, caso sobreviva, meu nome há de ser lembrado como um dos mais famosos dentre os filhos dos homens; minha tarefa cumprida, hei de adotar meios mais firmes e, ao espalhar e aniquilar os átomos que compõem meu ser, lançar à liberdade a vida aprisionada e tão cruelmente impedida de voar desta terra turva para uma esfera mais agradável a sua essência imortal.*

* Tradução: Iânes Sthefany Marques Maia e Letícia Bergamini Souto

A dança dos ossos

Bernardo Guimarães

Seguindo a antologia para seus momentos finais, introduz-se agora o conto de Bernardo Guimarães (1825-1884), "A dança dos ossos", publicado no livro *Lendas e romances* (1871). A narrativa transportará o leitor a uma roda de história em um barco que navega pelo rio Parnaíba, com um contador de histórias cheio de trejeitos próprios e com uma oralidade tão bem retratada pelo autor que torna o conto ainda mais assombroso.

Guimarães traz nesse conto, assim como em muitos outros que já escreveu, a representação escrita do povo e da cultura brasileira, com uma essência bem-vinda de um gótico romanesco dentro da mata nos limites de Minas Gerais e Goiás. Partindo do ponto de vista do narrador e do personagem Cirino, o leitor depara-se com um retrato típico da cultura popular nacional,

em especial dessas áreas mais agrestes: as lendas e as crenças populares. Cabe a você escolher se acredita nas histórias assombrosas e superstições de um ou contenta-se com o cinismo do outro.

A dança dos ossos

Capítulo I

A noite, límpida e calma, tinha sucedido a uma tarde de pavorosa tormenta, nas profundas e vastas florestas que bordam as margens do Parnaíba, nos limites entre as províncias de Minas e de Goiás.

Eu viajava por esses lugares, e acabava de chegar ao porto, ou recebedoria, que há entre as duas províncias. Antes de entrar na mata, a tempestade tinha-me surpreendido nas vastas e risonhas campinas, que se estendem até a pequena cidade de Catalão, donde eu havia partido.

Seriam nove a dez horas da noite; junto a um fogo aceso defronte da porta da pequena casa da recebedoria, estava eu, com mais algumas

pessoas, aquecendo os membros resfriados pelo terrível banho que a meu pesar tomara. A alguns passos de nós se desdobrava o largo veio do rio, refletindo em uma chispa retorcida, como uma serpente de fogo, o clarão avermelhado da fogueira. Por trás de nós estavam os cercados e as casinhas dos poucos habitantes desse lugar, e, por trás dessas casinhas, estendiam-se as florestas sem fim.

No meio do silêncio geral e profundo sobressaía o rugido monótono de uma cachoeira próxima, que ora estrugia como se estivesse a alguns passos de distância, ora quase se esvaecia em abafados murmúrios, conforme o correr da viração.

No sertão, ao cair da noite, todos tratam de dormir, como os passarinhos. As trevas e o silêncio são sagrados ao sono, que é o silêncio da alma.

Só o homem nas grandes cidades, o tigre nas florestas e o mocho nas ruínas, as estrelas no céu e o gênio na solidão do gabinete costumam velar nessas horas que a natureza consagra ao repouso.

Entretanto, eu e meus companheiros, sem pertencermos a nenhuma dessas classes, por uma exceção de regra estávamos acordados a essas horas.

Meus companheiros eram bons e robustos caboclos, dessa raça semi-selvática e nômade, de origem dúbia entre o indígena e o africano, que vagueia pelas infindas florestas que correm ao longo do Parnaíba, e cujos nomes, decerto, não

se acham inscritos nos assentos das freguesias e nem figuram nas estatísticas que dão ao império... não sei quantos milhões de habitantes.

O mais velho deles, de nome Cirino, era o mestre da barca que dava passagem aos viandantes.

De bom grado eu o compararia a Caronte, barqueiro do Averno, se as ondas turbulentas e ruidosas do Parnaíba, que vão quebrando o silêncio dessas risonhas solidões cobertas da mais vigorosa e luxuriante vegetação, pudessem ser comparadas às águas silenciosas e letárgicas do Aqueronte.

— Meu amo decerto saiu hoje muito tarde da cidade, perguntou-me ele.

— Não, era apenas meio-dia. O que me atrasou foi o aguaceiro, que me pilhou em caminho. A chuva era tanta e tão forte o vento que meu cavalo quase não podia andar. Se não fosse isso, ao pôr do sol eu estava aqui.

— Então, quando entrou na mata, já era noite?..

— Oh!... se era!... já tinha anoitecido havia mais de uma hora.

— E Vm. não viu aí, no caminho, nada que o incomodasse?...

— Nada, Cirino, a não ser às vezes o mau caminho, e o frio, pois eu vinha ensopado da cabeça aos pés.

— Deveras, não viu nada, nada? é o primeiro!... pois hoje que dia é?...

— Hoje é sábado.

— Sábado!... que me diz? e eu, na mente que hoje era sexta-feira!... oh! senhorinha!... eu tinha precisão de ir hoje ao campo buscar umas linhas que encomendei para meus anzóis, e não fui, porque esta minha gentinha de casa me disse que hoje era sexta-feira... e esta!... e hoje, com esta chuva, era dia de pegar muito peixe... Oh! senhorinha!... gritou o velho com mais força.

A este grito apareceu, saindo de um casebre vizinho, uma menina de oito a dez anos, fusca e bronzeada, quase nua, bocejando e esfregando os olhos; mas que me mostrava ser uma criaturinha esperta e viva como uma capivara.

— Então, senhorinha, como é que tu vais-me dizer que hoje era sexta-feira?... ah! cachorrinha! deixa-te estar, que amanhã tu me pagas... então hoje que dia é?...

— Eu também não sei, papai, foi a mamãe que me mandou que falasse que hoje era sexta...

— É o que tua mãe sabe-te ensinar; é a mentir!... deixa, que vocês outra vez não me enganam mais. Sai daqui: vai-te embora dormir, velhaquinha!

Depois que a menina, assim enxotada, se retirou, lançando um olhar cobiçoso sobre umas espigas de milho verde que os caboclos estavam a assar, o velho continuou:

— Veja o que são artes de mulher! a minha velha é muito ciumenta, e inventa todos os modos

de não me deixar um passo fora daqui. Agora não me resta um só anzol com linha, o último lá se foi esta noite na boca de um dourado; e, por culpa dessa gente, não tenho maneiras de ir matar um peixe para meu amo almoçar amanhã!...

— Não te dê isso cuidado, Cirino; mas conta-me que te importava que hoje fosse sexta ou sábado, para ires ao campo buscar as tuas linhas?...

— O quê!... meu amo? eu atravessar o caminho dessa mata em dia de sexta-feira?!... é mais fácil eu descer por esse rio abaixo em uma canoa sem remo!... não era à toa que eu estava perguntando se não lhe aconteceu nada no caminho.

— Mas o que há nesse caminho?... conta-me, eu não vi nada.

— E nem podia ver: o que lhe valeu foi não ser hoje sexta-feira, senão havia de ver como eu vi...

— Mas ver o que, Cirino?

— Vm. não viu, daqui a obra de três quartos de légua, à mão direita de quem vem, um meio claro na beirada do caminho, e uma cova meio aberta com uma cruz de pau?

— Não reparei; mas sei que há por aí uma sepultura de que se contam muitas histórias.

— Pois muito bem! aí nessa cova é que foi enterrado o defunto Joaquim Paulista. Mas é a alma dele só que mora aí: o corpo mesmo, esse anda espatifado aí por essas matas, que ninguém mais sabe dele.

— Ora valha-te Deus, Cirino! Não te posso entender. Até aqui eu acreditava que, quando se morre, o corpo vai para a sepultura, e a alma para o céu, ou para o inferno, conforme as suas boas ou más obras. Mas, com o teu defunto, vejo agora, pela primeira vez, que se trocaram os papéis: a alma fica enterrada, e o corpo vai passear.

— Vm. não quer acreditar!... pois é coisa sabida aqui, em toda esta redondeza, que os ossos de Joaquim paulista não estão dentro dessa cova e que só vão lá nas sextas-feiras para assombrar os viventes; e desgraçado daquele que passar aí em noite de sexta-feira!...

— Que acontece?..

— Aconteceu o que já me aconteceu, como vou lhe contar.

Capítulo II

Um dia, há de haver coisa de dez anos, eu tinha ido ao campo, à casa de um meu compadre que mora daqui a três léguas.

Era uma sexta-feira, ainda me lembro, como se fosse hoje.

Quando montei no meu burro para vir-me embora, já o sol estava baixinho; quando cheguei na mata, já estava escuro; fazia um luar manhoso, que ainda atrapalhava mais a vista da gente.

Já eu ia entrando na mata, quando me lembrei que era sexta-feira. Meu coração deu uma pancada e a modo que estava me pedindo que não fosse para diante. Mas fiquei com vergonha de voltar. Pois um homem, já de idade como eu, que desde criança estou acostumado a varar por esses matos a toda hora do dia ou da noite, hei de agora ter medo? de quê?

Encomendei-me de todo o coração à Nossa Senhora da Abadia, tomei um bom trago na guampa que trazia sortida na garupa, joguei uma masca de fumo na boca, e toquei o burro para diante. Fui andando, mas sempre cismado; todas as histórias que eu tinha ouvido contar da cova de Joaquim Paulista estavam-se-me representando na ideia: e ainda, por meus pecados, o diabo do burro não sei o que tinha

nas tripas que estava a refugar e a passarinhar numa toada.

Mas, a poder de esporas, sempre vim varando. À proporção que ia chegando perto do lugar onde está a sepultura, meu coração ia ficando pequenino. Tomei mais um trago, rezei o Creio em Deus Padre, e toquei para diante. No momento mesmo em que eu ia passar pela sepultura, que eu queria passar de galope e voando se fosse possível, aí é que o diabo do burro dos meus pecados empaca de uma vez, que não houve força de esporas que o fizesse mover.

Eu já estava decidido a me apear, largar no meio do caminho burro com sela e tudo, e correr para a casa; mas não tive tempo. O que eu vi, talvez Vm. não acredite; mas eu vi como estou vendo este fogo: vi com estes olhos, que a terra há de comer, como comeu os do pobre Joaquim Paulista... mas os dele nem foi a terra que comeu, coitado! foram os urubus, e os bichos do mato. Dessa feita acabei de acreditar que ninguém morre de medo; se morresse, eu lá estaria até hoje fazendo companhia ao Joaquim Paulista. Cruz!... Ave Maria!...

Aqui o velho fincou os cotovelos nos joelhos, escondeu a cabeça entre as mãos e pareceu-me que resmungou uma Ave-Maria. Depois, acendeu o cachimbo, e continuou:

— Vm. se reparasse, havia de ver que aí o mato faz uma pequena aberta da banda, em que está a sepultura do Joaquim Paulista.

A lua batia de chapa na areia branca do meio da estrada. Enquanto eu estou esporeando com toda a força a barriga do burro, salta lá, no meio do caminho, uma cambada de ossinhos brancos, pulando, esbarrando uns nos outros, e estalando numa toada certa, como gente que está dançando ao toque de viola. Depois, de todos os lados, vieram vindo outros ossos maiores, saltando e dançando da mesma maneira.

Por fim de contas, veio vindo lá, de dentro da sepultura, uma caveira branca como papel, e com os olhos de fogo; e dando pulos como sapo, foi-se chegando para o meio da roda. Daí começaram aqueles ossos todos a dançar em roda da caveira, que estava quieta no meio, dando de vez em quando pulos no ar, e caindo no mesmo lugar, enquanto os ossos giravam num corrupio, estalando uns nos outros, como fogo da queimada, quando pega forte num sapezal.

Eu bem queria fugir, mas não podia; meu corpo estava como estátua, meus olhos estavam pregados naquela dança dos ossos, como sapo quando enxerga cobra; meu cabelo, enroscado como Vm. está vendo, ficou em pé como espetos.

Daí a pouco os ossinhos mais miúdos, dançando, dançando sempre e batendo uns nos

outros, foram-se ajuntando e formando dois pés de defunto.

Estes pés não ficam quietos, não; e começam a sapatear com os outros ossos numa roda viva. Agora são os ossos das canelas, que lá vêm saltando atrás dos pés, e de um pulo, trás!... se encaixaram em cima dos pés. Daí a um nada vêm os ossos das coxas, dançando em roda das canelas, até que, também de um pulo, foram-se encaixar direitinho nas juntas dos joelhos. Toca agora as duas pernas que já estão prontas a dançar com os outros ossos.

Os ossos dos quadris, as costelas, os braços, todos esses ossos que ainda agora saltavam espalhados no caminho, a dançar, a dançar, foram pouco a pouco se ajuntando e embutindo uns nos outros, até que o esqueleto se apresentou inteiro, faltando só a cabeça. Pensei que nada mais teria que ver; mas ainda me faltava o mais feio. O esqueleto pega na caveira e começa a fazê-la rolar pela estrada, e a fazer mil artes e piruetas; depois entra a jogar peteca com ela, e a atirá-la pelos ares mais alto, mais alto, até o ponto de fazê-la sumir-se lá pelas nuvens; a caveira gemia zunindo pelos ares, e vinha estalar nos ossos da mão do esqueleto, como uma espoleta que rebenta. Afinal o esqueleto escachou as pernas e os braços, tomando toda a largura do caminho, e esperou a cabeça, que veio cair direito no meio dos ombros, como

uma cabaça oca que se rebenta em uma pedra, e olhando para mim com os olhos de fogo!...

Ah! meu amo!... Eu não sei o que era feito de mim!... eu estava sem fôlego, com a boca aberta, querendo gritar e sem poder, com os cabelos espetados; meu coração não batia, meus olhos não pestanejavam. O meu burro mesmo estava a tremer e encolhia-se todo, como quem queria sumir-se debaixo da terra. Oh! se eu pudesse... fugir naquela hora, eu fugia ainda que tivesse de entrar pela goela de uma sucuri adentro.

Mas ainda não contei tudo. O maldito esqueleto do inferno — Deus me perdoe! — não tendo mais nem um ossinho com quem dançar, assentou de divertir-se comigo, que ali estava sem pingo de sangue, e mais morto do que vivo, e começa a dançar defronte de mim, como essas figurinhas de papelão que as crianças, com uma cordinha, fazem dar de mão e de pernas; vai-se chegando cada vez mais para perto, dá três voltas em roda de mim, dançando e estalando as ossadas; e por fim de contas, de um pulo, encaixa-se na minha garupa…

Eu não vi mais nada depois; fiquei atordoado. Pareceu-me que o burro saiu comigo e com o maldito fantasma, zunindo pelos ares, e nos arrebatava por cima das mais altas árvores.

Valha-me Nossa Senhora da Abadia e todos os santos da corte celeste! gritava eu dentro do coração, porque a boca essa nem podia piar. Era à

toa; desacorçoei, e pensando que ia por esses ares nas unhas de Satanás, esperava a cada instante ir estourar nos infernos. Meus olhos se cobriam de uma nuvem de fogo, minha cabeça andar a roda, e não sei mais o que foi feito de mim.

Quando dei acordo de mim, foi no outro dia, na minha cama, a sol alto.

Quando a minha velha, de manhã cedo, foi abrir a porta, me encontrou no terreiro, estendido no chão, desacordado, e o burro selado perto de mim.

A porteira da manga estava fechada; como é que esse burro pôde entrar comigo para dentro é que não sei. Portanto ninguém me tira da cabeça que o burro veio comigo pelos ares.

Acordei com o corpo todo moído, e com os miolos pesando como se fossem de chumbo, e sempre com aquele maldito estalar de ossos nos ouvidos, que me perseguiu por mais de um mês.

Mandei dizer duas missas pela alma de Joaquim Paulista, e jurei que nunca mais havia de pôr meus pés fora de casa em dia de sexta-feira.

Capítulo III

O velho barqueiro contava esta tremenda história de modo mais tosco, porém muito mais vivo do que eu acabo de escrevê-la, e acompanhava a narração de uma gesticulação selvática e expressiva e de sons imitativos que não podem ser representados por sinais escritos. A hora avançada, o silêncio e solidão daqueles sítios, teatro desses assombrosos acontecimentos, contribuíram também grandemente para torná-los quase visíveis e palpáveis. Os caboclos, de boca aberta, o escutavam com olhos e ouvidos transidos de pavor, e de vez em quando, estremecendo, olhavam em derredor pela mata, como que receando ver surgir o temível esqueleto a empolgar e levar pelos ares alguns deles.

— Com efeito, Cirino! disse-lhe eu, foste vítima da mais pavorosa assombração de que há exemplo, desde que andam por este mundo as almas do outro. Mas quem sabe se não foi a força do medo que te fez ver tudo isso? Além disso, tinhas ido muitas vezes à guampa, e talvez ficasse com a vista turva e a cabeça um tanto desarranjada...

— Mas, meu amo, não era a primeira vez que eu tomava o meu gole, nem que andava de noite por esses matos, e como é que eu nunca vi ossos de gente dançando no meio do caminho?...

— Os teus miolos é que estavam dançando, Cirino; disso estou eu certo. Tua imaginação, exaltada a um tempo pelo medo e pelos repetidos beijos que davas na tua guampa, é que te fez ir voando pelos ares nas garras de Satanás. Escuta; vou-te explicar como tudo isso te aconteceu muito naturalmente. Como tu mesmo disseste, entraste na mata com bastante medo, e, portanto, disposto a transformar em coisas do outro mundo tudo quanto confusamente vias no meio de uma floresta frouxamente alumiada por um luar escasso. Acontece ainda para teu mal que, no momento mais crítico, quando ias passando pela sepultura, empaca-te o maldito burro. Faço ideia de como ficaria essa pobre alma, e até me admiro de que não visses coisas piores!

— Mas então que diabo eram aqueles ossos a dançarem, dançarem tão certo, como se fosse a toque de música, e aquele esqueleto branco, que trepou na garupa, e me levou por esses ares?

— Eu te digo. Os ossinhos que dançavam, não eram mais do que os raios da lua, que vinham peneirados por entre os ramos dos arvoredos balançados pela viração, brincar e dançar na areia branca do caminho. Os estalos, que ouvias, eram sem dúvida de alguns porcos do mato, ou outro qualquer bicho, que andavam ali por perto a quebrar nos dentes cocos de baguaçu, o que, como bem sabes, faz uma estralada dos diabos.

— E a caveira, meu amo?... de certo era alguma cabaça velha que um rato do campo vinha rolando pela estrada…

— Não era preciso tanto; uma grande folha seca, uma pedra, um toco, tudo te podia parecer uma caveira naquela ocasião.

Tudo isto te fez andar à roda a cabeça azoinada, e o mais tudo que viste foi obra de tua imaginação e de teus sentidos perturbados. Depois, qualquer coisa, talvez um maribondo que o picou.

— Maribondo de noite!... ora, meu amo!... exclamou o velho com uma gargalhada.

— Pois bem!... fosse o que fosse; qualquer outra coisa ou capricho de burro, o certo é que o teu macho saiu contigo aos corcovos; ainda que atordoado, o instinto da conservação fez que te agarrasses bem à sela, e tiveste a felicidade de vir dar contigo em terra mesmo à porta de tua casa, e eis aí tudo.

O velho barqueiro ria com a melhor vontade, zombando de minhas explicações.

— Qual, meu amo, disse ele, réstia de luar não tem parecença nenhuma com osso de defunto, e bicho do mato, de noite, está dormindo na toca, e não anda roendo coco.

E pode Vm. ficar certo de que, quando eu tomo um gole, ali é que minha vista fica mais limpa e o ouvido mais afiado.

— É verdade, e, a tal ponto, que até chegas a ver e ouvir o que não existe.

— Meu amo tem razão; eu também, quando era moço, não acreditava em nada disso por mais que me jurassem. Foi-me preciso ver para crer; e Deus o livre a Vm. de ver o que eu já vi.

— Eu já vi, Cirino; já vi, mas nem assim acreditei.

— Como assim, meu amo?...

— É que nesses casos eu não acredito nem nos meus próprios olhos, senão depois de estar bem convencido, por todos os modos, de que eles não enganam.

Eu te conto um caso que me aconteceu.

Eu ia viajando sozinho — por onde não importa — de noite, por um caminho estreito, em um cerradão fechado, e vejo ir, andando a alguma distância diante de mim, qualquer coisa, que na escuridão não pude distinguir. Aperto um pouco o passo para reconhecer o que era, e vi clara e perfeitamente dois pretos carregando um defunto dentro de uma rede.

Bem poderia ser também qualquer criatura viva, que estivesse doente ou mesmo em perfeita saúde; mas, nessas ocasiões, a imaginação, não sei por quê, não nos representa senão defuntos. Uma aparição daquelas, em lugar tão ermo e longe de povoação, não deixou de me causar terror.

Contudo o caso não era extraordinário; carregar um cadáver em rede, para ir sepultá-lo em algum cemitério mais vizinho, é coisa que se vê muito nestes sertões, ainda que àquelas horas o negócio não deixasse de tornar bastante suspeito.

Piquei o cavalo para passar adiante daquela sinistra visão que me estava incomodando o espírito, mas os condutores da rede também apressaram o passo, e se conservavam sempre na mesma distância.

Pus o cavalo a trote; os pretos começaram também a correr com a rede. O negócio ia-se tornando mais feio. Retardei o passo para deixá-los adiantarem-se: também foram indo mais devagar. Parei; também pararam. De novo marchei para eles; também se puseram a caminho.

Assim andei por mais de meia hora, cada vez mais aterrado, tendo sempre diante dos olhos aquela sinistra aparição que parecia apostada em não me querer deixar, até que, exasperado, gritei-lhes que me deixassem passar ou ficar atrás, que eu não estava disposto a fazer-lhes companhia. Nada de resposta!... o meu terror subiu de ponto, e confesso que estive por um nada a dar de rédea para trás a bom fugir.

Mas negócios urgentes me chamavam para diante: revesti-me de um pouco de coragem que ainda me restava, cravei as esporas no cavalo e investi para o sinistro vulto a todo galope. Em poucos instantes o alcancei de perto e vi...

adivinhem o que era?... nem que deem volta ao miolo um ano inteiro, não são capazes de atinar com o que era. Pois era uma vaca!...

— Uma vaca!... como!...

— Sim, senhores, uma vaca malhada, que tinha a barriga toda branca — era a rede, — e os quartos traseiros e dianteiros inteiramente pretos; eram os dois negros que a carregavam. Pilhada por mim naquele caminho estreito, sem poder desviar nem para uma banda nem para outra, porque o mato era um cerradão inteiramente tapado, o pobre animal ia fugindo diante de mim, se eu parava, também parava, porque não tinha necessidade de viajar; se eu apertava o passo, lá ia ela também para diante, fugindo de mim. Entretanto se eu não fosse reconhecer de perto o que era aquilo, ainda hoje havia de jurar que tinha visto naquela noite dois pretos carregando um defunto em uma rede, tão completa era a ilusão. E depois se quisesse indagar mais do negócio, como era natural, sabendo que nenhum cadáver se tinha enterrado em toda aquela redondeza, havia de ficar acreditando de duas uma: ou que aquilo era coisa do outro mundo, ou, o que era mais natural, que algum assassinato horrível e misterioso tinha sido cometido por aquelas criaturas.

A minha história nem de leve abalou as crenças do velho barqueiro que abanou a cabeça, e disse-me, chasqueando:

— A sua história está muito bonita; mas, perdoe que lhe diga, eu, por mais escura que estivesse a noite e por mais que eu tivesse entrado no gole, não podia ver uma rede onde havia uma vaca; só pelo faro eu conhecia. Meu amo decerto tinha poeira nos olhos.

Mas vamos que Vm., quando investiu para os vultos, em vez de esbarrar com uma vaca, topasse mesmo uma rede carregando um defunto, que este defunto saltando fora da rede lhe pulasse na garupa e o levasse pelos ares com cavalo e tudo, de modo que Vm., não desse acordo de si, senão no outro dia em sua casa e sem saber como?... havia de pensar, ainda, que eram abusões?

— Esse não era o meu medo: o que eu temia, era que aqueles negros acabassem ali comigo, e, em vez de um, carregassem na mesma rede dois defuntos para a mesma cova!

O que dizes era impossível.

— lmpossível!... e como é que me aconteceu?... Se não fosse tão tarde, para Vm. acabar de crer, eu lhe contava por que motivo a sepultura de Joaquim Paulista ficou sendo assim mal-assombrada. Mas meu amo viajou; há de estar cansado da jornada e com sono.

— Qual sono!... conta-me; vamos a isso.

— Pois vá escutando.

Capítulo IV

O tal Joaquim Paulista era um cabo do destacamento que naquele tempo havia aqui no Porto. Era bom rapaz e ninguém tinha queixa dele.

Havia aqui, também, por esse tempo, uma rapariga, por nome Carolina, que era o desassossego de toda a rapaziada.

Era uma caboclinha escura, mas bonita e sacudida como ela aqui ainda não pisou outra; com uma viola na mão, a rapariga tocava e cantava que dava gosto; quando saía para o meio de uma sala, tudo ficava de queixo caído; a rapariga sabia fazer requebrados e sapateados, que era um feitiço. Em casa dela, que era um ranchinho ali da outra banda, era súcias todos os dias; também todos os dias havia soldado de castigo por amor de barulhos e desordens.

Joaquim Paulista tinha uma paixão louca pela Carolina; mas ela andava de amizade com um outro camarada, de nome Timóteo, que a tinha trazido de Goiás, ao qual queria muito bem. Vai um dia, não sei que diabo de dúvida tiveram os dois, que a Carolina se desapartou do Timóteo e fugiu para a casa de uma amiga, aqui no campo. Joaquim Paulista, que há muito tempo bebia os ares por ela, achou que a ocasião era boa, e tais artes armou, tais agrados fez à rapariga, que tomou conta dela. Ah! pobre rapaz!... se ele adivinhasse, nem nunca teria olhado para aquela

rapariga. O Timóteo, quando soube do caso, urrou de raiva e de ciúme; ele estava esperando que, passados os primeiros arrufos da briga, ela o viria procurar se ele não fosse buscá-la, como já de outras vezes tinha acontecido. Mas desta vez tinha-se enganado.

A rapariga estava por tal sorte embeiçada com o Joaquim Paulista, que de modo nenhum quis saber do outro, por mais que ele rogasse, teimasse, chorasse e ameaçasse mesmo de matar uma ou outro. O Timóteo desenganou-se, mas ficou calado e guardou seu ódio no coração.

Estava esperando uma ocasião.

Assim passaram-se meses, sem que houvesse novidade. O Timóteo vivia em muito boa paz com o Joaquim Paulista, que, tendo muito bom coração, nem de leve cismava que seu camarada lhe guardasse ódio.

Um dia, porém, Joaquim Paulista teve ordem do comandante do destacamento para marchar para a cidade de Goiás. Carolina, que era capaz de dar a vida por ele, jurou que havia de acompanhá-lo. O Timóteo danou. Viu que não era possível guardar para mais tarde o cumprimento de sua tenção danada, jurou que ele havia de acabar desgraçado, mas que Joaquim Paulista e Carolina não haviam de ir viver sossegados longe dele, e assim combinou, com outro camarada, tão bom ou pior do que ele, para dar cabo do pobre rapaz.

Nas vésperas da partida, os dois convidaram ao Joaquim para irem ao mato caçar. Joaquim Paulista, que não maliciava nada, aceitou o convite, e no outro dia, de manhã, saíram os três a caçar pelo mato. Só voltaram no outro dia de manhã, mas dois somente; Joaquim Paulista, esse tinha ficado, Deus sabe onde.

Vieram contando, com lágrimas nos olhos, que uma cascavel tinha mordido Joaquim Paulista em duas partes, e que o pobre rapaz, sem que eles pudessem valer-lhe, em poucas horas tinha expirado no meio do mato; que não podendo carregar o corpo, porque era muito longe, e temendo que o não pudessem encontrar mais, e que os bichos o comessem, o tinham enterrado lá mesmo; e, para prova disso, mostravam a camisa do desgraçado, toda manchada de sangue preto envenenado.

Mentira tudo!... O caso foi este, como depois se soube.

Quando os dois malvados já estavam bem longe por essa mata abaixo, deitaram a mão no Joaquim Paulista, o agarraram, e amarraram em uma árvore. Enquanto estavam nesta lida, o coitado do rapaz, que não podia resistir àqueles dois ursos, pedia por quantos santos há que não judiassem com ele, que não sabia que mal tinha feito a seus camaradas, que se era por causa da Carolina, ele jurava nunca mais pôr os olhos nela, e iria embora para Goiás, sem ao menos

dizer-lhe adeus. Era à toa. Os dois malvados nem ao menos lhe davam resposta.

O camarada de Timóteo era mandingueiro e curado de cobra, pegava aí no mais grosso jaracuçu ou cascavel, as enrolava no braço, no pescoço, metia a cabeça delas dentro da boca, brincava e judiava com elas de toda a maneira, sem que lhe fizessem mal algum. Na hora em que ele enxergava uma cobra, bastava pregar os olhos nela, a cobra não se mexia do lugar. Em cima de tudo, o diabo do soldado sabia um assovio com que chamava cobra, quando queria.

A hora que ele dava esse assovio, se havia por ali perto alguma cobra, havia de aparecer por força. Dizem que ele tinha parte com o diabo, e todo mundo tinha medo dele como do próprio capeta.

Depois que amarraram bem amarrado o pobre Joaquim Paulista, o camarada do Timóteo desceu pelas furnas de uns grotões abaixo, e andou por lá muito tempo, assoviando o tal assovio que ele conhecia. O Timóteo ficou de sentinela ao Joaquim Paulista, que estava caladinho, coitado! encomendando sua alma a Deus. Quando o soldado voltou, trazia em cada uma das mãos, apertado pela garganta, uma cascavel mais grossa do que esta minha perna. Os bichos desesperados batiam e se enrolavam pelo corpo do soldado, que nessa hora devia estar medonho que nem o diabo.

Então Joaquim Paulista compreendeu que qualidade de morte lhe iam dar aqueles dois desalmados. Pediu, rogou, mas debalde, que, se queriam matá-lo, pregassem-lhe uma bala na cabeça, ou enterrassem-lhe uma faca no coração por piedade, mas não o fizeram morrer de um modo tão cruel.

— Isso querias tu, disse o soldado, para nós irmos para a forca! nada! estas duas meninas é que hão de carregar com a culpa de tua morte; para isso é que fui buscá-las; nós não somos carrascos.

— Joaquim, disse o Timóteo, faze teu ato de contrição e deixa-te de histórias.

— Não tenhas medo, rapaz!... continua o outro. Estas meninas são muito boazinhas; olha como elas estão me abraçando!... Faze de conta que são os dois braços da Carolina, que vão te apertar num gostoso abraço...

Aqui o Joaquim põe-se a gritar com quanta força tinha, a ver se alguém, acaso, podia ouvi-lo e acudir-lhe. Mas, sem perder tempo, o Timóteo pega num lenço e atocha-lhe na boca; mais que depressa o outro atira-lhe por cima os dois bichos, que no mesmo instante o picaram por todo o corpo. Imediatamente mataram as duas cobras, antes que fugissem. Não levou muito tempo, o pobre rapaz estrebuchava, dando gemidos de cortar o coração, e deitava sangue pelo nariz, pelos ouvidos e por todo o corpo.

Quando viram que o Joaquim já quase não podia falar, nem mover-se, e que não tardava a dar o último suspiro, desamarraram-no, tiraram-lhe a camisa, e o deixaram aí perto das duas cobras mortas.

Saíram e andaram todo o dia, dando voltas pelo campo.

Quando foi anoitecendo, embocaram pela estrada da mata, e vieram descendo para o porto. Teriam andado obra de uma légua, quando enxergaram um vulto, que ia andando adiante deles, devagarinho, encostado num pau e gemendo.

— É ele, disse um deles espantado; não pode ser outro.

— Ele!... é impossível... só por um milagre.

— Pois eu juro em como não é outro, e nesse caso toca a dar cabo dele já.

— Que dúvida!

Nisto adiantaram-se e alcançaram o vulto.

Era o próprio Joaquim Paulista!

Sem mais demora socaram-lhe a faca no coração, e deram-lhe cabo dele já.

— Agora como há de ser? diz um deles, não há remédio senão fugir, senão estamos perdidos…

— Qual fugir! o comandante talvez não cisme nada; e no caso que haja alguma coisa, estas cadeiazinhas desta terra são nada para mim?... Portanto vai tu escondido, lá embaixo no porto, e traz uma enxada; enterremos o corpo aí

no mato; e depois diremos que morreu picado de cobra.

Isto dizia o Timóteo, que, com o sentido na Carolina, não queria perder o fruto do sangue que derramou.

Com efeito assim fizeram; levaram toda a noite a abrir a sepultura para o corpo, no meio do mato, de uma banda do caminho que, nesse tempo, não era por aí, passava mais arredado. Por isso não chegaram, senão no outro dia de manhã.

— Mas, Cirino, como é que Joaquim pôde escapar das mordeduras das cobras, e como se veio a saber de tudo isso?...

— Eu já lhe conto, disse o velho.

E depois de fazer uma pausa para acender o cachimbo, continuou:

— Deus não queria que o crime daqueles amaldiçoados ficasse escondido. Quando os dois soldados deixaram por morto o Joaquim Paulista, andava por aquelas alturas um caboclo velho, cortando palmitos. Aconteceu que, passando por aí não muito longe, ouviu voz de gente, e veio vindo com cautela a ver o que era: quando chegou a descobrir o que se estava passando, frio e tremendo de susto, o pobre velho ficou espiando de longe, bem escondido numa moita, e viu tudo, desde a hora em que o soldado veio da furna com as cobras na mão. Se aqueles malditos o tivessem visto ali, tinham dado cabo dele também.

— Quando os dois se foram embora, então o caboclo, com muito cuidado, saiu da moita, e veio ver o pobre rapaz, que estava morre não morre!... O velho era mezinheiro muito mestre, e benzedor, que tinha fama em toda a redondeza.

Depois que olhou bem o rapaz, que já com a língua perra não podia falar, e já estava cego, andou catando pelo mato umas folhas que ele lá conhecia, mascou-as bem, cuspiu a saliva nas feridas do rapaz, e depois benzeu bem benzidas elas todas, uma por uma.

Quando foi daí a uma hora, já o rapaz estava mais aliviado, e foi ficando cada vez a melhor, até que, enfim, pôde ficar em pé, já enxergando alguma coisa.

Quando foi podendo andar um pouco, o caboclo cortou um pau, botou na mão dele, e veio com ele, muito devagar, ajudando-o a caminhar até que, a muito custo, chegaram na estrada.

Aí o velho disse:

— Agora você está na estrada, pode ir indo sozinho com seu vagar, que daqui a nada você está em casa.

Amanhã, querendo Deus, eu lá vou vê-lo outra vez. Adeus, camarada; Nossa Senhora te acompanhe.

O bom velho mal pensava, que, fazendo aquela obra de caridade, ia entregar outra vez à morte aquele infeliz a quem acabava de dar a vida. Um quarto de hora mais que se demorasse,

Joaquim Paulista estava escapo. Mas o que tinha de acontecer estava escrito lá em cima.

Não bastava ao coitado do Joaquim Paulista ter sido tão infeliz em vida, a infelicidade o perseguiu até depois de morto.

O comandante do destacamento, que não era nenhum samora, desconfiou do caso. Mandou prender os dois soldados, e deu parte na vila ao juiz, que daí a dois dias veio com o escrivão para mandar desenterrar o corpo. Vamos agora saber onde é que ele estava enterrado. Os dois soldados, que eram os únicos que podiam saber, andavam guiando a gente para uns rumos muito diferentes, e como nada se achava, fingiam que tinham perdido o lugar.

Bateu-se mato um dia inteiro sem se achar nada.

Afinal de contas os urubus é que vieram mostrar onde estava a sepultura. Os dois soldados tinham enterrado mal o corpo. Os urubus pressentiram o fétido da carniça e vieram-se ajuntar nas árvores em redor. Desenterrou-se o corpo, e via-se então uma grande facada no peito, do lado esquerdo. O corpo já estava apodrecendo e com muito mau cheiro. Os que o foram enterrar de novo, aflitos por se verem livres daquela fedentina, mal apenas jogaram à pressa alguns punhados de terra na cova, e deixaram o corpo ainda mais mal enterrado do que estava.

Vieram depois os porcos, os tatus, e outros bichos, cavoucaram a cova, espatifaram o cadáver, e andaram, espalhando os ossos do defunto aí por toda essa mata.

Só a cabeça é, que dizem, que ficou na sepultura.

Uma alma caridosa, que um dia encontrou um braço do defunto no meio da estrada, levou-o para a sepultura, encheu a cova da terra, socou bem, e fincou aí uma cruz. Foi tempo perdido; no outro dia a cova estava aberta tal qual como estava antes. Ainda outras pessoas depois teimavam em ajuntar os ossos e enterrá-los bem. Mas no outro dia a cova estava aberta, assim como até hoje está.

Diz o povo que enquanto não se ajuntar na sepultura até o último ossinho do corpo de Joaquim Paulista, essa cova não se fecha. Se é assim, já se sabe que tem de ficar aberta para sempre. Quem é que há de achar esses ossos que, levados pelas enxurradas, já lá foram talvez rodando por esse Parnaíba abaixo?

Outros diziam que, enquanto os matadores de Joaquim Paulista estivessem vivos neste mundo, a sua sepultura havia de andar sempre aberta, nunca os seus ossos teriam sossego, e haviam de andar sempre assombrando os viventes cá neste mundo.

Mas esses dois malvados já há de muito tempo foram dar contas ao diabo do que

andavam fazendo por este mundo, e a coisa continua na mesma.

O antigo camarada da Carolina, esse morreu no caminho de Goiás; a escolta que o levava, para cumprir sentença de galés por toda a vida, com medo que ele fugisse, pois o rapaz tinha artes do diabo, assentou de acabar com ele; depois contaram uma história de resistência, e não tiveram nada.

O outro, que era currado de cobra, tinha fugido; mas como ganhava a vida brincando com cobras e matava gente com elas, veio também a morrer na boca de uma delas.

Um dia em que estava brincando com um grande urutu preto, à vista de muita gente que estava a olhar de queixo caído, a bicha perdeu-lhe o respeito, e em tal parte e em tão má hora lhe deu um bote, que o maldito caiu logo estrebuchando, e em poucos instantes deu a alma ao diabo. Deus me perdoe, mas aquela fera não podia ir para o céu. O povo não quis por maneira nenhuma que ele fosse enterrado no sagrado, e mandou atirar o corpo no campo para os urubus.

Enfim eu fui à vila pedir ao vigário velho, que era o defunto padre Carmelo, para vir benzer a sepultura de Joaquim Paulista, e tirar dela essa assombração que aterra todo este povo. Mas o vigário disse que isso não valia de nada; que enquanto não se dissessem pela alma do defunto tantas missas quantos ossos tinha ele

no corpo, contando dedos, unhas, dentes e tudo, nem os ossos teriam sossego, nem a assombração acabaria, nem a cova se havia de fechar nunca.

Mas se os povos quisessem, e aprontassem as esmolas, que ele dizia as missas, e tudo ficaria acabado. Agora que há de contar quantos ossos a gente tem no corpo, e quando é que esses moradores, que são todos pobres como eu, hão de aprontar dinheiro para dizer tanta missa?...

Portanto já se vê, meu amo, que o que lhe contei não é nenhuma abusão; é coisa certa e sabida em toda esta redondeza. Todo esse povo aí está que não me há de deixar ficar mentiroso.

À vista de tão valentes provas, dei pleno crédito a tudo quanto o barqueiro me contou, e espero que a meus leitores acreditarão comigo, piamente, que o velho barqueiro do Parnaíba, uma bela noite, andou pelos ares montado em um burro, com um esqueleto na garupa.

Os porcos

Júlia Lopes de Almeida

"Os porcos" é o segundo conto de Júlia Lopes de Almeida presente nesta antologia, e há razão para ela ser a única autora repetida. Lopes de Almeida é um ponto fora da curva para a história do terror nacional, trabalhando com temáticas sensíveis que assolam o gênero dentro de um ideal conservador e machista que assombrava a época e, portanto, não poderia deixar de ser ressaltada. Uma tentativa de dar voz a uma mulher de nossa literatura que foi muito silenciada no passado. "Os porcos" aparece como mais um conto de sua coletânea *Ânsia eterna* (1903), dessa vez mais grotesco, mais pesado, carregando o silêncio de toda uma camada social de mulheres inferiorizadas no Brasil, por meio de um espelho: a protagonista Umbelina.

O conto selecionado é um representante do gênero gótico feminista. Esse gênero textual,

que é objeto de inúmeras discussões no meio crítico literário, dá-se como um objeto de análise essencial para o leitor que deseja conhecer a literatura gótica como um todo, em especial dentro do recorte feminino. Trata-se de um termo que foi usado inicialmente para descrever como as romancistas dos séculos XVIII e XIX utilizavam a estética gótica para descrever as ansiedades e as tensões geradas dentro do ambiente doméstico, bem como para abordar temas como a sexualidade da mulher.

Assim sendo, leitor, nosso *grand finale* é carregado de uma verdade pesada, difícil de engolir, mas necessária. Esperamos que esteja preparado para embarcar nessa psicose.

Os porcos

A Artur Azevedo

Quando a cabocla Umbelina apareceu grávida, o pai moeu-a de surras, afirmando que daria o neto aos porcos para que o comessem.

O caso não era novo, nem a espantou, e que ele havia de cumprir a promessa, sabia-o bem. Ela mesma, lembrava-se, encontrara uma vez um braço de criança entre as flores douradas do aboboral. Aquilo, com certeza, tinha sido obra do pai.

Todo o tempo da gravidez pensou, numa obsessão crudelíssima, torturante, naquele bracinho nu, solto, frio, resto de um banquete

delicado, que a torpe voracidade dos animais esquecera por cansaço e enfartamento.

Umbelina sentava-se horas inteiras na soleira da porta, alisando com um pente vermelho de celuloide o cabelo negro e corredio. Seguia assim, preguiçosamente, com olhar agudo e vagaroso, as linhas do horizonte, fugindo de fixar os porcos, aqueles porcos malditos, que lhe rodeavam a casa desde manhã até a noite.

Via-os sempre ali, arrastando no barro os corpos imundos, de pelo ralo e banhas descaídas, com o olhar guloso, luzindo sob a pálpebra mole, e o ouvido encoberto pela orelha chata, no egoísmo brutal de concentrar em si toda a atenção. Os leitões vinham por vezes, barulhentos e às cambalhotas, envolverem-se na sua saia, e ela sacudia-os de nojo, batendo-lhes com os pés, dando-lhes com força. Os porcos não a temiam, andavam perto, fazendo desaparecer tudo diante da sofreguidão dos seus focinhos rombudos e móveis, que iam e vinham grunhindo, babosos, hediondos, sujos da lama em que se deleitavam, ou alourados pelo pó do milho, que estava para ali aos montes, flavescendo ao sol.

Ah! os porcos eram um bom sumidouro para os vícios do caboclo! Umbelina execrava-os e ia pensando no modo de acabar com o filho de uma maneira menos degradante e menos cruel.

Guardar a criança... mas como? O seu olhar interrogava em vão o horizonte afrouxelado de nuvens.

O amante, filho do patrão, tinha-a posto de lado... diziam até que ia casar com outra! Entretanto achavam-na todos bonita, no seu tipo de índia, principalmente aos domingos, quando se enfeitava com as maravilhas vermelhas, que lhe davam colorido à pele bronzeada e a vestiam toda com um cheiro doce e modesto...

Eram duas horas da madrugada, quando a Umbelina entreabriu um dia a porta da casa paterna e se esgueirou para o terreiro.

Fazia luar; todas as coisas tinham um brilho suavíssimo. A água do monjolo caía em gorgolões soluçados, flanqueando o rancho de sapé, e correndo depois em fio luminoso e trêmulo pela planície afora. Flores de gabiroba e de esponjeira brava punham lençóis de neve na extensa margem do córrego; todas as ervas do mato cheiravam bem. Um galo cantava perto, outro respondia mais longe, e ainda outro, e outro... até que as vozes dos últimos se confundiam na distância com os mais leves rumores noturnos.

Umbelina afastou com mão febril o xale que a envolvia, e, descobrindo a cabeça, investigou com olhar sinistro o céu profundo.

Onde se esconderia o grande Deus, divinamente misericordioso, de quem o padre

falava na missa do arraial em termos que ela não atingia, mas que a faziam estremecer?

Ninguém pode fugir ao seu destino, diziam todos; estaria então escrito que a sua sorte fosse essa que o pai lhe prometia — de matar a fome aos porcos com a carne da sua carne, o sangue do seu sangue?!

Essas coisas rolavam-lhe pelo espírito, indeterminadas e confusas. A raiva e o pavor do parto estrangulavam-na. Não queria bem ao filho, odiava nele o amor enganoso do homem que a seduzira. Matá-lo-ia, esmagá-lo-ia mesmo, mas lançá-lo aos porcos... isso nunca! E voltava-lhe à mente, num arrepio, aquele bracinho solto, que ela tivera entre os dedos indiferentes, na sua bestialidade de cabocla matuta.

O céu estava limpo, azul, um céu de janeiro, quente, vestido de luz, com a sua estrela Vésper enorme e diamantina, e a lua muito grande, muito forte, muito esplendorosa!

A cabocla espreitou com olho vivo para os lados da roça de milho, onde ao seu ouvido agudíssimo parecera sentir uma bulha cautelosa de pés humanos; mas não veio ninguém, e ela, abrasada, arrancou o xale dos ombros e arrastou-o no chão, segurando-o com a mão, que as dores do parto crispavam convulsivamente. O corpo mostrou-se disforme, mal resguardado por uma camisa de algodão e uma saia de chita. Pelos ombros estreitos agitavam-se as pontas do

cabelo negro e luzidio; o ventre pesado, muito descaído, dificultava-lhe a marcha, que ela interrompia amiúde para respirar alto, ou para agachar-se, contorcendo-se toda.

A sua ideia era ir ter o filho na porta do amante, matá-lo ali, nos degraus de pedra, que o pai havia de pisar de manhã, quando descesse para o passeio costumado.

Uma vingança doida e cruel aquela, que se fixara havia muito no seu coração selvagem.

A criança tremia-lhe no ventre, como se pressentisse que entraria na vida para entrar no túmulo, e ela apressava os passos nervosamente por sobre as folhas da trapoeraba maninha.

Ai! iam ver agora quem era a cabocla! Desprezavam-na? Riam-se dela? Deixavam-na à toa, como um cão sem dono? Pois que esperassem! E ruminava o seu plano, receando esquecer alguma minúcia...

Deixaria a criança viver alguns minutos, fá-la-ia mesmo chorar, para que o pai lá dentro, entre o conforto do seu colchão de paina, que ela desfiara cuidadosamente, lhe ouvisse os vagidos débeis e os guardasse sempre na memória, como um remorso.

Ela estava perdida. Em casa não a queriam; a mãe renegava-a, o pai batia-lhe, o amante fechava-lhe as portas... e Umbelina praguejava alto, ameaçando de fazer cair sobre toda a gente a cólera divina!

O luar com a sua luz brancacenta e fria iluminava a triste caminhada daquela mulher quase nua e pesadíssima, que ia golpeada de dores e de medo através dos campos. Umbelina ladeou a roça de milho, já seca, muito amarelada, e que estalava ao contato do seu corpo mal firme; passou depois o grande canavial, de um verde d'água, que o luar enchia de doçura e que se alastrava pelo morro abaixo, até lá perto do engenho, na esplanada da esquerda. Por entre as canas houve um rastejar de cobras, e ergueu-se da outra banda, na negrura do mandiocal, um voo fofo, de ave assustada. A cabocla benzeu-se e cortou direito pelo terreno mole do feijoal ainda novo, esmagando sob as solas dos pés curtos e trigueiros as folhinhas tenras da planta ainda sem flor. Depois abriu lá em cima a cancela, que gemeu prolongadamente nos movimentos de ida e de volta, com que ela a impeliu para diante e para trás. Entrou no pasto da fazenda. Uma grande mudez por todo o imenso gramado. O terreno descia numa linha suave até o terreiro da habitação principal, que aparecia ao longe num ponto branco. A cabocla abaixou-se tolhida, suspendendo o ventre com as mãos.

Toda a sua energia ia fugindo, espavorida com a dor física, que se aproximava em contrações violentas. A pouco e pouco os nervos distenderam-se, e o quase bem-estar da extenuação fê-la deixar-se ficar ali, imóvel, com

o corpo na terra e a cabeça erguida para o céu tranquilo. Uma onda de poesia invadiu-a toda: eram os primeiros enleios da maternidade, a pureza inolvidável da noite, a transparência lúcida dos astros, os sons quase imperceptíveis e misteriosos, que lhe pareciam vir de longe, de muito alto, como um eco fugitivo da música dos anjos, que diziam haver no céu sob o manto azul e flutuante da Virgem Mãe de Deus...

Umbelina sentia uma grande ternura tomar-lhe o coração, subir-lhe aos olhos.

Não a sabia compreender e deixava-se ir naquela vaga sublimemente piedosa e triste...

Súbito, sacudiu-a uma dor violenta, que a tomou de assalto, obrigando-a a cravar as unhas no chão. Aquela brutalidade fê-la praguejar e erguer-se depois raivosa e decidida. Tinha de atravessar todo o comprido pasto, a margem do lago e a orla do pomar, antes de cair na porta do amante.

Foi; mas as forças diminuíam e as dores repetiam-se cada vez mais próximas.

Lá embaixo aparecia já a chapa branca, batida do luar, das paredes da casa.

A roceira ia com os olhos fitos nessa luz, apressando os passos cansados. O suor caía-lhe em bagas grossas por todo o corpo, ao tempo que as pernas se lhe vergavam ao peso da criança.

No meio do pasto, uma figueira enorme estendia os braços sombrios, pondo uma mancha negra em toda aquela extensão de luz. A cabocla

quis esconder-se ali, cansada da claridade, com medo de si mesma, dos pensamentos pecaminosos que tumultuavam no seu espírito e que a lua santa e branca parecia penetrar e esclarecer. Ela alcançou a sombra com passadas vacilantes; mas os pés inchados e dormentes já não sentiam o terreno e tropeçavam nas raízes de árvores, muito estendidas e salientes no chão. A cabocla caiu de joelhos, amparando-se para a frente nas mãos espalmadas.

O choque foi rápido e as últimas dores do parto vieram tolhê-la. Quis reagir ainda e levantar-se, mas já não pôde, e furiosa descerrou os dentes, soltando os últimos e agudíssimos gritos da expulsão.

Um minuto depois a criança chorava sufocadamente. A cabocla então arrancou com os dentes o cordão da saia e, soerguendo o corpo, atou com firmeza o umbigo do filho, e enrolou-o no xale, sem olhar quase para ele, com medo de o amar...

Com medo de o amar!... No seu coração de selvagem desabrochava timidamente a flor da maternidade. Umbelina levantou-se a custo com o filho nos braços. O corpo esmagado de dores, que lhe parecia esgarçarem-lhe as carnes, não obedecia à sua vontade. Lá embaixo a mesma chapa de luz alvacenta acenava-lhe, chamando-a para a vingança ou para o amor. Julgava agora que, se batesse àquelas janelas e chamasse o

amante, ele viria comovido e trêmulo beijar o seu primeiro filho. Aventurou-se em passadas custosas a seguir o seu caminho, mas voltaram-lhe depressa as dores e, sentindo-se esvair, sentou-se na grama para descansar. Descobriu então a meio o corpo do filho: achou-o branco, achou-o bonito, e num impulso de amor beijou-o na boca. A criança moveu logo os lábios na sucção dos recém-nascidos e ela deu-lhe o peito. O pequenino puxava inutilmente, a cabocla não tinha alento, a cabeça pendia-lhe numa vertigem suave, veio-lhe depois outra dor, os braços abriram-se-lhe, e ela caiu de costas.

A lua sumia-se, e os primeiros alvores da aurora tingiram de um róseo dourado todo o horizonte. Em cima o azul carregado da noite mudava para um violeta transparente, esbranquiçado e diáfano. Foi no meio daquela doce transformação da luz que Umbelina mal distinguiu um vulto negro, que se aproximava lentamente, arrastando no chão as mamas pelancosas, com o rabo fino, arqueado, sobre as ancas enormes, o pelo hirto, irrompendo raro da pele escura e rugosa, e o olhar guloso, estupidamente fixo: era uma porca.

Umbelina sentiu-a grunhir, viu confusamente os movimentos repetidos do seu focinho trombudo, gelatinoso, que se arregaçava, mostrando a dentuça amarelada, forte. Um sopro frio correu por todo o corpo da

cabocla, e ela estremeceu ouvindo um gemido doloroso, dolorosíssimo, que se cravou no seu coração aflito. Era do filho! Quis erguer-se, apanhá-lo nos braços, defendê-lo, salvá-lo... mas continuava a esvair-se, os olhos mal se abriam, os membros lassos não tinham vigor, e o espírito mesmo perdia a noção de tudo.

Entretanto, antes de morrer, ainda viu, vaga, indistintamente, o vulto negro e roliço da porca, que se afastava com um montão de carne pendurado nos dentes, destacando-se isolada e medonha naquela imensa vastidão cor-de-rosa.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A casa dos mortos*. *In*: _____. Ânsia Eterna. Brasília: Senado Federal. Disponível em: https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/580577. Acesso em: 15 maio 2022.

_____. *Os porcos*. *In*: _____. Ânsia Eterna. Brasília: Senado Federal. Disponível em: https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/580577. Acesso em: 15 maio 2022.

_____. *Livro das Donas e Donzelas*. Belém: Universidade da Amazônia. Disponível em: http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/julia3.pdf. Acesso em: 22 maio 2022.

ARAÚJO, Naiara Sales; DA SILVA, Lucélia Magda Oliveira. O gótico feminino em Júlia Lopes de Almeida: uma análise de "Os Porcos". *Caderno de Letras*, n. 42, p. 41–51, jan.–abr., 2022. Disponível em: https://periodicos.ufpel.

edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/21068. Acesso em: 20 jun. 2022.

AZEVEDO, Álvares de. Noite na taverna. *In*: _____. *Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1862. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=138658. Acesso em 18 nov. 2022.

BARBOSA, Iaranda Jurema Ferreira. A ânsia eterna, a violência, o silenciamento e o grotesco em Os porcos, de Júlia Lopes de Almeida. R*EVES – Revista Relações Sociais*, v. 4, n. 1, p. 13001–13013, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/10428. Acesso em: 23 jun. 2022.

BENNETT, Betty T.; CURRAN, Stuart (eds.). *Mary Shelley in her times*. Londres/Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000.

DE LUCA, Leonora. O "feminismo possível" de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos pagu*, n. 12, p. 275–299, 1999. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634918. Acesso em: 26 jun. 2022.

GUIMARÃES, Bernardo. A dança dos ossos. In: _____. *Lendas e romances*. Rio de Janeiro/Paris: B. L. Garnier, 1900. Disponível em: https://archive.org/details/lendaseromances00guimuoft/page/n253/mode/2up. Acesso em: 18 nov. 2022.

MAFRA, Adriano; SCHRULL, Munique Helena. *Análise de quatro traduções do poema The Raven*

de Edgar Allan Poe. n. 2 (2011): TRANSLATIO. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/36692/23759. Acesso em: 4 jun. 2022.

MENDONÇA, Cátia Toledo. Júlia Lopes de Almeida: a busca da liberação feminina pela palavra. *Revista Letras*, v. 60, 2003. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/2869/2351. Acesso em: 14 jun. 2022.

OLIVEIRA, Jefferson Donizeti de. *Um Sussurro nas Trevas: uma revisão da recepção crítica e literária de Noite na Taverna, de Álvares de Azevedo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-28092010-144643/en.php. Acesso em: 11 jun. 2022.

POE, Edgar Allan. *O corvo*. *In*: PESSOA, Fernando. Obra poética. Coautoria de Maria Aliete Galhoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, c1969. p. 631–633

PUNTER, David. *The Gothic*. Oxford: Blackwell, 2004.

RIO, João do. *O Momento Literário*. Ministério da cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1994. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf. Acesso em: 8 jun. 2022.

SHELLEY, Mary. *The mortal immortal*. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/

bitstream/handle/123456789/157358/The%20Mortal%20Immortal%20-%20Mary%20Shelley.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 maio 2022.

SOARES FERREIRA DE SANTANA, Fernando. A manifestação do estilo gótico em contos de terror e mistério de Edgar Allan Poe. *Revista Moinhos*, [S. l.], n. 7, p. 5–17, 2019. Disponível em: https://periodicos2.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/3798. Acesso em: 1 jul. 2022.

VANSPANCKEREN, Kathryn. *Perfil da Literatura Americana*. Tradução: Márcia Biato. Estados Unidos: Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, 1994.

VASCONCELOS, Sandra G. T. *A formação do romance inglês*: ensaios teóricos. São Paulo: FAPESP, 2007.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, Engenho Novo, Rio de Janeiro, 1915. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

VOLOBUEF, Karin. Álvares de Azevedo e a ambiguidade da orgia. *Organon*, v. 19, n. 38–39, 2005. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/30064. Acesso em: 6 jun. 2022.

VOLOBUEF, Karin. *Frestas e arestas*. A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

W.G.L. Perfil Álvares de Azevedo. *Correio da lavoura*, n. 1557, Nova Iguaçu: 1950. Disponível em: http://novorima.im.ufrrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/4552/1/Correio_da_Lavoura_1757_Novembro_1950.pdf. Acesso em: 5 jun. 2022.

Título	Funesto destino: ficção gótica de amor, morte e sobrenatural
Autoria	Álvares de Azevedo Bernardo Guimarães Edgar Allan Poe Júlia Lopes de Almeida Mary Shelley
Organização	Alice Siqueira Ribeiro Ana Julia Pontello Enzo Enrico Gaio de Carvalho Iânes Sthefany Marques Maia Letícia Bergamini Souto
Tradução	Iânes Sthefany Marques Maia Letícia Bergamini Souto
Coordenação editorial	Márcia Abreu
Preparação de originais	Thaís Freitas Rodrigues
Revisão	Presto Kowask
Diagramação	Thaís Freitas Rodrigues
Design de capa	João Pedro Missi Pereira
Projeto gráfico	Presto Kowask
Formato	10,5 x 18 cm
Tipologia	Minion Pro